BRANCO NO PRETO

ALI na Praça Saenz Peña, a Cinelândia da Tijuca, existe, há muitos anos, um cinema chamado América. Enquanto dominam o mercado os cinemas mais confortáveis, como o Metro-Tijuca e o Carioca, com poltronas estofadas e ar condicionado, o América permanece imutável, ou, melhor, mutável — para pior. As cadeiras continuam sendo as mesmas, de madeira, duras de roer até pelos ratos que ali devem existir, mas que não freqüentam as sessões, felizmente. As cortinas andam sujas e desbotadas. O ar condicionado é invisivel, mas nos dias quentes chega-se ao cúmulo de "ver" o calor. E, não bastando isso, pelo simples fato de ser um cinema lançador (outra ousadia!), o América cobra o mesmo preço que os cinemas de luxo. Uma vergonha.

★

CINEAC: exibe cêrca de seis ou sete filmes de curta metragem, dos quais nada menos de 4 são jornais. Assim, temos: um desenho, um "short", uma comédia, um jornal americano, um francês, um nacional e 1 espanhol. E o pior é que, geralmente, as notícias são quase sempre as mesmas. E isso quando não se trata de jornais já exibidos nos cinemas. O Cineac, que deveria ser um cinema para "passatempo", está se tornando, assim como está, um passatempo cacete. E' bom tomar cuidado. Um dia a casa cai.

★

ENQUANTO isso, em Copacabana, o cinema Ipanema passou a fazer lançamentos simultâneamente com o cinema Rian. Tratando-se de casas situadas na mesma zona, a cinco minutos de distância uma da outra, de quem vai, e a 25 de quem vem (o trânsito, amigos), cremos seja desnecessária esta medida. Qualquer dia nesse passo, o sr. Ribeiro passará a lançar apenas uma fita por semana em todo o seu circuito de 3.289 cinemas...

★

NATURALMENTE que alguns filmes merecem ser reprisados. Mas o que vemos por aí é uma "onda" de películas que não merecem sequer uma primeira exibição. Quanto mais a segunda.

★

AMIGOS, confessamos que temos um certo receio de "meter o pau" nos cinemas da praça. Receio de que os donos dos cinemas aproveitem o pau para construir mais cadeiras... de pau.



Usa um chapéu de feltro para não ser reconhecido. (Foto NÓDGI)

Monsieur Chevalier

*PARA lhes falar de Maurice Chevalier é preciso, antes, que lhes
fale de mim. Coisa, aliás, que me dá muito mais satisfação.
Sou, por natureza, um sujeito muito condescendente e, por
princípio, muito tolerante. Tenho-me dado bem. Profissional-
mente, sou teimoso. Nada é impossível, desde que se queira
realizar. Assim, não me foi fácil rechaçar a "onda" de má-
vontade que alguns jornalistas fizeram em tôrno da figura simpática do
cançonetista francês que ora visita o Rio, pela primeira vez. Tudo é
questão de compreensão, como disse. O processo usual para se falar com
o "astro" seria êsse: Tenefona-se ao Copacabana-Pálace, pede-se o número
do seu apartamento; a telefonista liga para o seu secretário, sr. Fred.
Quem atende é sua senhora, gaguejando francês, e, meia hora depois, com-
preendemos que devemos ligar para o sr. Borowski (ou Borocowski, não
estamos certos), secretário do secretário do artista. O sr. Borocowski
não está, e sua senhora pede-nos para ligar para o sr. Vigiani, empresário
do artista, no Teatro Municipal. Do Municipal, dão-nos outro endereço,
escritório do sr. Vigiani. Ligamos para lá e sua secretária vai dizendo o
número, acrescentando:*

— O sr. Vigiani não está! Quem quer falar?

*Usamos então de um recurso. Ligamos novamente, mudamos a voz, in-
flexionamos um sotaque e mudamos de nome. A secretária cai direitinho,
com tôda a experiência de seus quarenta e poucos anos. O sr. Vigiani
aparece, milagrosamente, no outro lado da linha. Pede-nos, então, que
falemos com o sr. Fred. E está fechado o circuito. O Fred manda-nos ao
Borocowski, o Borocowski ao Vigiani e o Vigiani ao Fred. Enquanto isso,
Chevalier dorme no apartamento 75.*

*Claro que isso acaba com a paciência de qualquer um. A maioria de-
sistiu. Afinal de contas, o nosso amigo Chevalier, apesar de seus pro-
gramas de rádio e televisão, e apesar de seu romance com a Patachou,
um pouco atrapalhado pelo marido da mesma, que a acompanhou ao Rio,
estava louco para desabafar. A linha-média da "defesa" é que impedia
tudo. Por isso, tivemos que usar o nosso próprio método. Pegamos um
carro conversível, modelo 51, trajamo-nos à parisiense, saltamos na porta
do Hotel e começamos a distribuir gorjetas. Os funcionários nos aten-
deram com tôda a simpatia. Chevalier dormia. Depois de algumas horas
de espera, conseguimos saber que fôra dar sua voltinha habitual na praia.
Saímos ao seu encalço. Dificilmente o reconheceríamos. Foi preciso que
chegássemos bem perto para têrmos certeza. Apresentamo-nos. E antes
que nos envolvesse naquele mesmo circuito cacete, começamos a palestrar.
O homem está velhinho, mas não perdeu de todo seu bom-humor. Está
gordo, com 62 anos de idade, mas continua cuidando da voz com carinho.
Fala pouco e não fuma. E, sem perceber, foi falando de si, de seus su-
cessos, de suas aventuras, de seus amôres — chegando à velhice antes
mesmo de chegar ao casamento. Boa praça, êsse monsieur Chevalier.
Em verdade, êle não precisa de secretários nem de empresários para se
amparar. Está precisando, isso sim, de um bom par de muletas.*

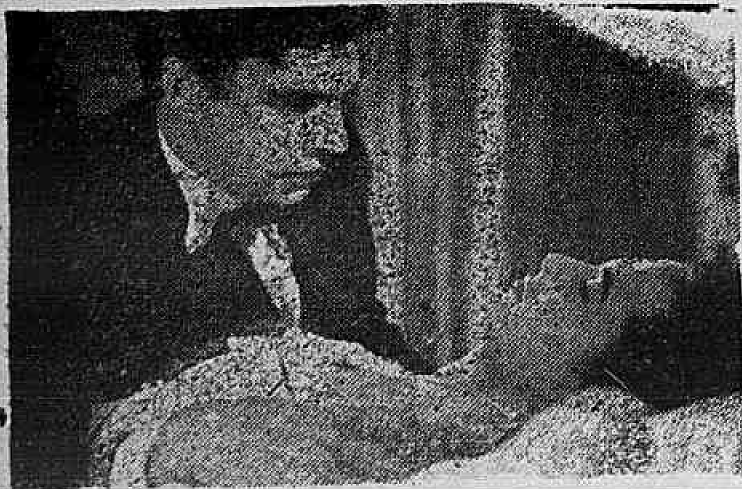
leon eliachar

ALBERTO RUSCHEL

"Astro" contra a vontade

EX-CAMPEÃO DE NATAÇÃO E EX-CANTOR ★ PREFERE TRABALHAR "POR DENTRO" DO CINEMA, MAS AS FÃS PENSARÃO O CONTRÁRIO ★ UMA HISTÓRIA QUE COMEÇA NO SUL.

Reportagem de PAULO KALAMAR



S. PAULO, julho — Há gente que nasce para uma coisa, e gente que nasce para outra. Há os que fazem fôrça para ser simpáticos e não conseguem nada; e os que se vão chegando com um jeito de quem não quer nada e acabam tomando conta de tudo, sendo simpáticos a todos. Exemplo: Alberto Ruschel. Êle só cuida de sua vida, não se mete com ninguém. Apenas trabalha. Está sempre pronto para isso, em qualquer ocasião. E' simples. O tipo do sujeito simples. E assim, aos poucos, êle vai conquistando amigos. Hoje, nos estúdios cinematográficos da Vera Cruz, êle só tem amigos. Todos são "do peito", todos o admiram; seriam capazes de brigar por êle. Até o "Duque", um cachorro que faz coisas do "arco da velha", distingue Alberto Ruschel de uma maneira especial. Além do Martinelli, seu dono, "Duque" só atende ao Alberto, só obedece ao antigo "crooner", que virou agora "astro" de primeira grandeza no céu estrelado de S. Bernardo do Campo.

TEMPOS DE ESTUDANTE

E' difícil escrever uma biografia de Alberto Ruschel. Êle esconde as coisas, não gosta de contar, de falar sôbre êle mesmo. Sua história começa nos pampas, nas coxilhas gaúchas. Nasceu no interior, na cidadezinha de Estrêla do Sul. E foi ali e em Pelotas que, mocinho ainda, com leve buço e quase imberbe, começou a tornar-se popular. Não havia representação do Grupo de Teatro Amador que deixasse de incluir o seu nome.

Depois, foi estudar em Pôrto Alegre. Se foi bom aluno, não sabemos. Mas logo se tornou conhecido como animador das atividades extra-escolares, líder do grupo estudantil. Sua voz continuou cada vez mais bonita e reclamada. E ao seu prestígio de ator amdaor e cantor de serenatas, acrescentou ainda o de campeão universitário de natação. Além disso achou tempo para organizar uma espécie de "show", uma revista, montada, dirigida e empresada por êle mesmo, reunindo exclusivamente estudantes, que saiu pelo interior, nas férias, visitando o Rio Grande do Sul, por todos os lados, daqui prá lá e de lá prá cá.

CAMPEÃO DE CANTORIA NUM CERTAME DE NATAÇÃO

Quando houve uma Olimpíada Universitária, no Rio, os gaúchos incluíram Alberto Ruschel na sua representação, como nadador. Mas Alberto Ruschel, no Rio, sagrou-se campeão de cantoria, num "show" improvisado, no final da competição. Um "olheiro" de um cassino convenceu Alberto que êle deveria ficar no Rio. Alberto "topou", tirou mais alguns elementos da delegação gaúcha e nasceu ali, imediatamente, o grupo dos "Quitandinhas Serenaders". O conjunto fêz sucesso nos "shows" dos tempos das vacas gordas dos cassinos, fêz grande sucesso no rádio e foi até atraído pelo cinema brasileiro. Um dia, na Atlântida, resolveram fazer um filme com êles e Oscarito. "Êste mundo é um pandeiro" e "O Mundo se Diverte" foram os primeiros grandes sucessos dos carnavalescos da Atlântida e tiveram Alberto como galã.

Êle também participou das filmagens de "Não me diga adeus", produção argentino-brasileira, que teve Anselmo Duarte no principal papel. Daí êles se tornaram grandes amigos e hoje são bons companheiros, trabalhando juntos no mesmo estúdio.

APAIXONOU-SE PELA TÉCNICA CINEMATOGRÁFICA

Depois aconteceu uma coisa estranha com Alberto Ruschel. O cantor popularíssimo que "pintava" para galã do cinema continental (êle teve várias propostas da Argentina), abandonou o rádio e deixou de ser ator de cinema, perdidamente apaixonado pelas questões técnicas do próprio cinema. Alberto passou a lutar por um lugarzinho de assistente de diretor, técnico de som ou de montagem. Queria ser "da parte de dentro" do cinema, da parte que o público não vê e quase não se interessa.

Para que a Vera Cruz conseguisse fazê-lo "astro" de "Ângela", teve de permitir que êle fôsse técnico de som em "Terra é sempre terra". Depois, com jeitinho, fizeram com que êle aceitasse a oferta de fazer um pequeno papel em "Ângela". Êle acabou aceitando. Quando viu, era o pincipal intérprete do filme, ao lado de Eliane Lage, a "estrêla" que foi campeã de popularidade na "enquête" promovida pela A CENA.

"Ângela" ainda não foi exibido. O antigo cantor dos "Quitandinhas" não está fazendo muito empenho em continuar como "astro". Mas nós podemos jurar de mãos juntas que o público e os produtores jamais deixarão Alberto Ruschel fugir. Ainda é muito cedo para êle pensar em ser diretor de cinema. O público vai exigir vê-lo ainda muito tempo como ator, como um grande concorrente dos galãs do cinema nacional.



Várias expressões de Alberto Ruschel, um ator promissor do cinema brasileiro.

A INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA NORTE-AMERICANA ENCORAJA A CONCORRÊNCIA

De «COMERCIAL AMÉRICA»

(Exclusividade do «USIS» para «A CENA»)

SEM fazer alarde, a Associação Cinematográfica da América, dirigida por Eric Johnston (atual administrador da Estabilização Econômica dos Estados Unidos) e representando os principais produtores cinematográficos dos Estados Unidos, vem, desde fins de 1949, auxiliando os concorrentes de outros países a apresentarem seus filmes às platéias cinematográficas norte-americanas.

Numa época em que as barreiras financeiras e econômicas internacionais eram problemas comuns entre os homens de negócios do mundo, a Associação Cinematográfica da América criou um órgão informativo e consultivo incumbido de auxiliar os produtores cinematográficos estrangeiros. Embora essa providência não fôsse absurda, pois em épocas econômicamente normais a indústria cinematográfica norte-americana recebe aproximadamente um têrço de suas rendas dos mercados estrangeiros, era estranha, pois a função primordial do novo órgão consistia em encorajar a concorrência — o que é certamente uma anomalia comercial.

Expondo as finalidades do órgão informativo e consultivo, a associação declarou: «Fornecerá listas de mercados potenciais para filmes em idiomas estrangeiros nos Estados Unidos; proporcionará um serviço de seleção para a exibição comercial daqueles filmes; providenciará a importação e armazenagem de cópias em consignação; divulgará informações sôbre os regulamentos alfandegários e tributários norte-americanos; informará os produtores do estrangeiro sôbre o Código de Produção e sua execução; cuidará da recepção a produtores estrangeiros ou seus representantes, colocando-os em contacto com a indústria norte-americana».

Essas palavras não contavam então, como não contam hoje, tôda a história de amizade e cooperação que tem sido e continuarão a ser desenvolvidas pelo mencionado organismo entre os produtores cinematográficos mundiais.

As listas de mercados potenciais para filmes em idiomas estrangeiros nos Estados Unidos podem permitir substancial economia financeira para o produtor estrangeiro que tenha um filme a distribuir no território norte-americano. Nem êle nem seus representantes precisam mais recorrer a métodos especulativos para encontrar distribuidores que possam estar interessados em operar com seu produto. Guiados pelas listas fornecidas pelo órgão consultivo, o produtor estrangeiro pode agora concentrar seus esforços de venda. Além disso, os dias, semanas e mesmo meses que as listas economizam têm mais de uma vez assegurado a possibilidade de venda de filmes oportunos.

A seleção que o órgão consultivo proporciona aos filmes de outros países é gratuita, como todos os seus outros serviços. Antes de um filme ser exibido a cêrca de 65 distribuidores norte-americanos, em geral é assistido prèviamente, a pedido do produtor, pelo sr. B. Bernard Kreisler, diretor executivo do organismo. Com a assistência de outras pessoas conhecedoras profundas dos gostos das platéias cinematográficas norte-americanas, o sr. Kreisler analisa o filme para resolver quanto as suas potencialidades comerciais nos Estados Unidos. Se, na opinião dêsses especialistas, o filme não possuir qualidades para obter êxito de bilheteria no país, o produtor é advertido dêsse fato. Em resultado dêsses conselhos, produtores estrangeiros têm podido economizar tempo, esfôrço e dinheiro em quantidade substancial.

Como todos os exibidores cinematográficos norte-americanos, com exceção de alguns poucos, recusam apresentar filmes que não tenham o sêlo do Código de Produção, o órgão consultivo pode ser convidado a fazer recomendações sôbre as exigências daquele código. Trata-se de um conjunto de regulamentos voluntários obedecidos pelos principais produtores cinematográficos dos Estados Unidos com o propósito de garantir o bom gôsto de seu produto. A Associação Cinematográfica da América concede o sêlo do Código de Produção a todos os filmes que satisfaçam tais exigências.

O órgão consultivo também providencia o necessário para importação e armazenagem de cópias cinematográficas dependentes de pagamento dos direitos alfandegários. Dessa maneira, o produtor estrangeiro pode enviar uma cópia de seu filme aos Estados Unidos para finalidades de venda antes de sua exportação para exibição. As informações que o mesmo

(Cont. na pág. 30)

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

ANO 30 ★ Nº 30 ★ 26-7-51

SUMÁRIO

Branco no prêto 3
Monsiuer Chevalier (Leon Eliachar) 3
Astro contra a vontade (Paulo Kalamar) 4
A Indústria cinematográfica norte-americana 5
Telas da cidade 6
Neusa Maria toca bateria (Antônio Rocha) 7
Confissões de Maria Felix (Alberto Conrado) 10
O Netinho de Papai (cine-romance) 12
Flashes Mundiais 16
Miss Supersônica 18
O homem do momento 20
Arquitetos do invisível (Iris Alomai) 21
Hora da decisão 22
A vingança dos apaches 23
Candidate-se ao cinema brasileiro 24
Coluna do fã 26
Anjo de vingança 28
Melodias para você 31
Fichário cinematográfico (Frankie) 32
Música (Oswaldo da Cunha) 33
Pausa para meditação 34
Glossário cinematográfico ... 34

CAPA:

ELISABETH TAYLOR
(Paramount)

A redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados.

EXPEDIENTE

Fundado em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito.
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.

Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil Telefones — Secretaria, 22-4447: Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75.000. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

Distribuição em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 4-1569 Rua da Conceição, 58 — 1º andar — Tel. 36-6718

CORRESPONDENTE EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THMOMAS KEENE
CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DEÉMAR
Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

IMPORTANTE:

O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.



COTAÇÕES

1 - Fraco; 2 - Regular; 3 - Bom ;4 - Muito bom; 5 - Ótimo

CORREIO DO INFERNO

(Rawhide — 20th Fox)

Filme «western», violento, como são violentos, aliás, quase todos os filmes de Henry Hathaway. A ação se desenrola inteiramente num pôsto da longa estrada percorrida pelo Correio rumo ao Oeste. Ali refugia-se um fugitivo perigoso, com a intenção de assaltar o carregamento de ouro que viria na próxima diligência. A história de Dudley Nichols é cheia de lances emocionantes e a cenarização foi hábil em explorar os detalhes. Hathaway completa a violência da história, conseguindo marcar os tipos de forma bastante acentuada. Tyrone Power e Susan Hayward fazem o casal. Hugh Marlowe está muito bem no criminoso. Jack Elan é o melhor do elenco. Música muito boa de Sol Kaplan e esplendida fotografia de Milton Krasner.

Cotação artística: 3,1/2 — Cotação comercial: 2,1/2

PERDIDA DE AMOR

(R.K.O.

História fraca e mal dirigida onde uma pequena da cidade se casa com um homem do campo. O homem é viuvo, tem duas filhas, e há uma série de contratempos completamente sem graças, com panelas caindo, ventania entrando pela janela, amigos expansivos, etc. Não convence.

Cotação artística: 1 — Cotação comercial: 2

NÚPCIAS REAIS

(Royal Wedding — Metro)

Superior a «Nasci para Bailar», da Paramount, estas núpcias da Metro conseguem a sua finalidade: divertem. E' um musical, ao qual se assiste com agrado, com boa música e bons números de dança. Peter Lawford é o galã, inexpressivo como sempre, e Keenan Wynn, sem muito sucesso, procura defender a parte cômica. Jane Powell canta, dança e sapateia. E tenta representar. Mas Fred Astaire tem mais oportunidades que em suas últimas fitas e nos dá bons números: um com Jane Powell, que está bem aceitável nesse trecho, e outros dois sòzinho. Em todos êles Astaire demonstra a sua classe de bailarino inimitável e sua extraordinária simpatia. E, como sempre, continua dominando e roubando tôda fita em que aparece. A direção de Stanley Donen é sofrivel. A tecnicolor realça o espetáculo. Sarah Churchill faz uma ponta razoável.

Cotação artística: 2,1/2 — Cotação comercial: 3

ALMAS EM FÚRIA

A história dêsse filme é, até certo ponto, convincente O que se torna falho, aqui, é a marcação de tipos, psicològicamente inconvenientes. Não fica bem acentuada a personalidade de cada um, locomovendo-se, todos, não por um impulso interior, mas antes por uma fôrça exterior. Contudo, o conjunto se torna regular, embora desperdiçado um grande tema. Anthony Mann, um dos bons diretores americanos, faz o que pode. Os atores (um ótimo cast) representam com naturalidade, embora não possam «viver» os papéis, devido, justamente à falsidade da transposição da obra original para a tela. Bárbara Stanwyck, Wendel Corey, Thomaz Gomez, Walter Huston, Beulah Bondi e Judith Anderson conseguem, assim, elevar o nivel da pelicula. Boa fotografia, com grandes efeitos de luz e sombra, e ótima partitura de Franz Waxman.

Cotação artística: 2,1/2 — Cotação comercial: 3,1/2

RÁDIO

FORTUNATO Purchio, sentado em uma cadeira na simples sala de jantar de sua residência, tinha o rosto escondido por entre as grandes mãos e os cotovelos apoiados fortemente nas pernas. Seu cabelo estava despenteado e alguns fios lhe caiam à testa. Profundamente calmo, quase imóvel, parecia esperar por algo inesperado. Os minutos rasgavam as muralhas do tempo vagarosamente, como uma tartaruga com calos. Pequenas guimbas atulhavam o assoalho da casa. A sala parecia sem vida. As imagens não se refletiam na prata. Uma ligeira camada de pó cobria os móveis. Dir-se-ia que a máquina da vida parara em uma pausa demorada, triste, enfadonha e cada vez mais longa, à espera de uma nova vida.

De dentro se ouviam vozes. Pessoas ali se movimentavam incessantemente, arrastando os pés de um lado para outro. De repente, um som se ergueu acima de todo o promíscuo vozerio — os convulsivos vagidos de um recém-nascido!

Fortunato retirou as mãos grandes do rosto e se levantou. Os seus lábios se arregaçaram num sorriso que mostrou dentes alvos e certos sob um bigode italianamente basto. O homem caminhou para a janela, automàticamente retirando um cigarro do bôlso e acendendo-o com os dedos trêmulos. Por dentre a densa fumaça que expelia, iam-se formando imagens. Cenas que se haviam passado entre êle e a espôsa ainda nos tempos de namôro. Finalmente uma cena parou em uma conversa que haviam mantido, enquanto gozavam de um pi-nic num jardim paulista.

— Fortunato, quantos filhos você gostaria de ter? — perguntara ela repentinamente:

Fortunato arregalou os olhos.

— Ora, querida, não me importo com o número — respondeu enquanto comia um sanduiche. — Tanto faz serem dois como doze... quanto mais, melhor. Quero chegar em casa de noite, com os ossos alquebrados pelo trabalho ingrato, e vê-los todos penteados e limpinhos, esperando-me no portão, gritando quando eu aparecer, então correndo em minha direção e se agarrando às minhas pernas à espera das balas que lhes trago...

Mas ela interrompeu a tirada poética do noivo, dizendo suavemente:

— A primeira quero que seja u'a menina...

— Menina? — Ecoou Fortunato. — Perfeitamente, que seja u'a menina a primeira. Você já escolheu um nome?

Mas ela o olhava de u'a maneira exquisita.

— Você não quer um menino como primeiro... como a maioria dos homens? — Indagou.

— Não... Podemos ter um filho também e depois uma outra menina... — Êle riu e repetiu a pergunta: — Você já escolheu um nome para ela?

Bem, eu... — ela parecia embaraçada e começou a fazer um sanduiche enquanto pensava.

— Escolhi, sim, mas...

— Mas, o que? — Insistiu Fortunato, gozando o embaraço da noiva.

— Mas temo que você não goste. O nome que escolhi é o da heroina de «O Conde de Monte Cristo» e é Vasiliki...

Fortunato se encolheu espantado, parando o sanduiche no ar, a caminho da bôca.

— Que? Como é memso o nome?

— Vasiliki. Eu não disse que você não gostaria?

Um sorriso se estampou em seu rosto e Fortunato disse:

— Ora, bem, Vasiliki... êste é um nome belíssimo e além do mais original...

Depois viera o casamento e agora...

— Fortunato! — Chamou uma voz feminina. Êle pareceu novamente voltar à realidade. Virou-se ràpidamente e se viu de frente uma senhora que morava na casa vizinha.

— Já pode entrar, Fortunato...

O senhor caminhou uns passos em direção ao quarto e, antes de entrar, perguntou, com uma voz sumida:

— E' menino ou menina...

— Menina...

Fortunato sorriu, os seus olhos iluminando felicidade.

— Então o seu nome será Vasiliki...

SEGUE

UM ROSTO SONHADOR E EXPRESSIVO
Ela se chamava Vasiliki, mas hoje é conhecida por milhares de fãs pelo nome de Neusa Maria.

NEUSA MARIA TOCA BATERIA

UM NOME ESTRAMBÓLICO CÔR DE ROSA ★ CANTANDO EM TROCA DE DOCES E SORVETES DETRÁS DA PORTA ★ VERGONHA DE VENCER PROGRAMAS DE CALOUROS ★ UM DISCO CONTINENTAL E UM CONTRATO COM A RÁDIO CLUBE ★ A ÚLTIMA ETAPA: NACIONAL ★ UM SUCESSO COM "MURMÚRIOS" ★ OUTRAS CURIOSIDADES SÔBRE A "ESTRÊLA"

Texto de ANTÔNIO ROCHA ★ Fotos de ANDRÉ VAYAN

UMA INFANCIA CÔR-DE-ROSA E O NASCIMENTO DE NEUSA

A filha do casal Purchio foi levada à pia batismal recebendo o nome de Vasiliki, embora eu duvide muito que o padre não os tenha olhado desconfiado antes de aceitar o nome como cristão.

Os dias corriam velozes. O telhado da velha casa do bairro de Bom Retiro continuava batido pelo sol e pela chuva e pelo vento. De noite a lua entrava no pátio, penetrando vagarosa e màgicamente através da claraboia. E a pintura das paredes começava a desbotar.

Vasiliki crescia. Os dias chegavam e rápidos se despediam, expandindo-se em meses. Vasiliki começou a engatinhar e logo algumas palavras ininteligíveis partiram de seus lábios. O seu sorriso contente, mostrando as gengivas vermelhas,



transformavam o modesto lar dos Purchios em um reino de alegria.

Um irmãozinho se juntou a ela que passou a não mais ser o centro de tôdas as atenções. Alguns dentinhos de leite romperam as gengivas. E o tempo continuava em sua marcha inexorável. Mais três filhos nasceram para o casal. Morel, Mercedes e Haydée, além de Vasiliki Edmundo. Vasiliki brincava com os irmãos e logo passaram a se juntar com os outros garotos daquele bairro paulista para as deliciosas traquinadas infantis.

Mas um dia — tem sempre um dia em tôdas



ÊSTE DISCO SÓ TEM «MURMÚRIOS»!
O repórter examina a gravação que elevou Neusa Maria ao estrelato. Mas éla sòmente murmura palavras de amor em «Murmúrios», pois na vida real é a orgulhosa progenitora de Elizabeth, uma garotinha de quatro anos e que se parece muito com a mãe.

UM PIANO E DOIS SORRISOS
Foi assim que encontramos Neusa Maria na Rádio Nacional: ensaiando um número, acompanhada ao piano por Ivon Cury. P.S. Ivon toca mesmo piano...

as histórias — os Purchios acharam que Vasiliki já estava em idade escolar e a matricularam em um grupo. Pouco tempo depois chegou o primeiro dia de aula. Sua mãe a aprontou cuidadosamente, enquanto os seus irmãos a olhavam curiosamente dos cantos, através de olhos insuflados de inveja.

Todos a acompanharam ao portão e ficaram parados, olhando, enquanto ela se afastava, segurando a mão da mãe.

Naquele dia a sra. Purchio também a foi buscar na escola. Encontrou uma Vasiliki triste e melancólica. A senhora a olhou curiosa.

— Que você tem, minha filha?

— Nada, — redarguiu a menina.

A senhora a repreendeu.

— Você está contando «história» e os filhos deveriam sempre contar a verdade aos pais.

Vasiliki sentiu o choque da lição que a mãe lhe ministrara e resolveu desabafar:

— Mãe, por que é que meu nome é Vasiliki?

A senhora pareceu embaraçada.

— Por que? — Indagou ela, roubando tempo para pensar. — Ora, do mesmo modo como a menina do vizinho tem o nome de Dolores ou a sua irmã — Haydée.

— Não é isso, mãe. Por que meu nome tinha de ser assim tão feio?

— Você acha seu nome feio?

Vasiliki respondeu imediatamente:

— A senhora não acha? As outras meninas na escola me chamam de «Vaselina»...

A sra. Purchio tentou dizer que isso era proveniente da má educação dos outros garotos da escola, mas Vasiliki não se conformou.

— D'agora em diante, mamãe, eu vou chamar-me Neusa...

O RADIO E O NASCIMENTO DE NEUSA MARIA

Não é necessário dizer que daí por diante nunca mais Vasiliki foi chamada de «Vaselina» pelo simples motivo de ter mudado de nome. Do grupo escolar, depois de terminar o curso primário, Neusa (chamemo-la assim, uma vez que êste nome lhe dá mais e é como vocês estão acostumados a tratá-la) ingressou no Colégio Sion. Não se encontrava ali há muito tempo quando, em virtude da situação difícil que sua família atravessava, foi obrigada a parar de estudar. Êste foi um dos primeiros golpes que o destino lhe desferiu.

No lar a vida corria agitada. Aquelas almas pareciam sacudidas por um tufão de infortúnio, mas Neusa sempre encontrava oportunidade para divertir os seus com a sua voz cheia de sentimento, onde as amarguras da sorte se concentravam. Para ela mesma cantar era um alívio. Apesar disso, ou talvez por isso, a sua voz começou a ser apreciada pelos vizinhos e os outros habitantes do bairro. Dentre as fãs de Neusa se encontrava principalmente uma vizinha, d. Maria, que a chamava para a sua casa para cantar. Mas Neusa era muito acanhada e baixava os olhos em resposta.

— Ora, Neusa, então você tem vergonha de cantar? — Repreendia-a d. Maria. Mas o seu tom de voz se suavisava e, para ouvir a voz daquela menina-moça de quinze anos, subornava-a. — Vamos, Neusa você canta detrás daquela porta ali e, quando terminar, lhe dou um doce...

Assim Neusa cantava. A pouco e pouco o acanhamento foi desaparecendo e ela começou a compreender que tinha uma boa voz além do amor ao canto. Já cantava em frente a d. Maria desembaraçadamente e um dia a boa senhora se aproximou de Purchio e disse:

— Fortunato, por que você não leva a menina para cantar no rádio?

Fortunato olhou-a através de seus olhos cansados.

— Filha minha, d. Maria, não será artista de rádio. Ali só tem perdição...

Mas Neusa estava destinada ao rádio. E sua mãe, d. Maria e ela começaram a planejar a conspiração contra Fortunato. D. Maria uma noite foi à casa dos Purchios e se dirigiu à Fortunato:

— Fortunato, tenho de fazer uma visita a uma



QUE É ISTO, NEUSA?
A simpática cantora da Rádio Nacional declarou que sabia tocar bateria e resolveu provar a sua assertiva. Vejam só que fracasso! Ela está tocando com um cabo de vassoura...



QUAL DELAS?

Um fã lhe escreveu pedindo uma fotografia e Neusa se encontra em camisa de onze varas para escolher uma de acôrdo com a pedida pelo fã...

amiga e não quero ir sòzinha. Você se importa se eu levar a Neusa comigo?

— Pois não, d. Maria. Mas, por favor, traga-a de volta cêdo...

D. Maria e Neusa tomaram um ônibus e rumaram para a Rádio Record onde Neusa ia fazer o seu debut radiofônico em um programa de calouros. Naquele dia, de volta ao lar, a garôta Neusa Maria — o Maria fôra acrescentado àquela noite —, de 15 anos, trazia o coração insuflado de alegria por ter tirado o primeiro lugar e um gordo prêmio na bôlsa...

CIDADE MARAVILHOSA, AQUI EU VOU!

Estava iniciada a carreira radiofônica de Neusa Maria. Começou a trabalhar em uma casa comercial como caixa e a cantar em programas de calouros, sempre arrebatando os primeiros lugares, juntamente com os prêmios. Chegou ao ponto de ter vergonha de cantar no rádio, porque sempre vencia. Mas, tôda semana chegava junto ao patrão e dizia:

— Seu Maurício, o senhor me deixa sair para cantar em um programa de rádio?

Seu Maurício sorria e perguntava:
— Quanto você vai ganhar desta vez?
— Não sei... Tudo depende. Mas posso ir?
— Claro... Aliás nem sei por que você trabalha aqui, quando poderia ganhar muito mais dinheiro cantando no rádio...

Mas aquêle dinheirinho ganho já servia para ser empregado em casa. Fortunato descobriu isso tarde de mais e nada disse pois compreendeu que o seu dinheiro era investido em feijão, arroz e carne para a família.

Neusa Maria se tornou conhecida como amadora e não demorou muito a ser chamada para a Tupi paulista, no ano de 1943, percebendo Cr$ 600,00 mensais. Logo depois foi eleita a «estrêla do ano» e em 1945 recebeu um convite da Continental para vir gravar no Rio

Aceito o convite, tôda a família se transferiu para a Cidade Maravilhosa, onde Neusa tinha uma nova etapa de sua carreira diante de si. Em chegando ao Rio, procurou a Continental e teve a sua primeira marcação gravada.

No dia marcado dirigiu-se aos estúdios da Rádio Clube, para a gravação. César de Alencar, depois de ouví-la, aproximou-se e disse:

— Você não me conhece, mas sou o locutor chefe daqui da Rádio Clube. Você tem contrato com alguma rádio?

— Não, — respondeu Neusa, — mas tive uma proposta da Tupi.

César não se deu por vencido.
— Quanto lhe vão pagar na Tupi?
— Cr$ 1.500,00.
— E se eu lhe arranjar o mesmo ordenado, você fica aqui?
Neusa queria cantar e não se importava onde.
— Fico.
César sorriu e disse:

— Então vamos descer para assinar o contrato...

César deixou a Rádio Clube juntamente com Renato Murce para ingressar na Nacional, levando Neusa Maria consigo para a emissôra dos vinte e dois andares, onde ainda hoje se encontra.

Um fato pouco conhecido a respeito da conhecida intérprete é o seu casamento, pois Neusa separa completamente a sua vida particular da radiofônica. No lar é simplesmente a espôsa dedicada e a feliz progenitora de Elizabeth, uma pequerrucha de quatro anos que se parece com a mãe.

UM NOVO MARCO NA CARREIRA

Depois que deixou a Continental, Neusa Maria nunca mais gravou. Porém um dia de sábado, depois de cantar um número no «Programa César de Alencar», retirara-se para o Departamento Artístico, quando o telefone tocou. Neusa o respondeu, supondo ser apenas mais um fã, mas se surpreendeu quando o seu interlocutor se apresentou:

— Neusa Maria? Aqui fala Paulo Serrano, diretor artístico da Sinter. Acabei de ouví-la cantar agora mesmo no «Programa César de Alencar» e gostei imensamente de sua voz. Você quer gravar na Sinter?

Neusa sentiu a voz embargada na garganta, não querendo sair, prêsa de emoção. Finalmente balbuciou:

— Seu Paulo... estou à sua inteira disposição a qualquer momento que o senhor deseje.
— Você pode vir ao escritório segunda-feira?
— Posso, sim, — respondeu Neusa.
— Então traga o seu repertório para escolhermos as músicas de sua primeira gravação...

Neusa repôs o telefone no gancho depois de despedir-se de Paulo e caminhou através do corredor, como em um sonho.

Segunda-feira Neusa apresentou-se aos escritórios, assinando um contrato. Paulo Serrano lhe disse, depois de examinar as suas músicas:

— Tôdas são boas, mas tenho aqui u'a música que sòmente poderia ser cantada por você. Chama-se «Murmúrios» e é de autoria de Regina Célia, sendo Lírio Panicali o autor do arranjo.

Depois de examinar a música, Neusa já se achava apaixonada por ela. Paulo sorriu:

— Há muito tempo esta música estava à espera de uma intérprete... pode-se mesmo dizer, à sua espera, Neusa Maria.

Foi marcado o dia da gravação. Neusa estava nervosa, mas disposta a tirar partido da excelente oportunidade. Começou a cantar as mágicas palavras de «Murmúrios» e, ao terminar, Lírio se aproximou de Paulo e comentou:

— Paulo, pode ficar certo de uma coisa: esta menina é o maior achado dos últimos tempos. Tenho certeza que com «Eu Sei Que Êle Chora» e «Murmúrios», o disco ganha uma nova estrêla no Brasil...

CONFISSOES DE MARIA FELIX

CAPITULO IV

O ESCANDALOSO SUICIDIO

O ESTRANHO CASO DE REBECA URIBE, SECRETÁRIA DE MARIA FELIX ★ FUMADORA DE "MACONHA" ★ O TRÁGICO PLANO DE SUICÍDIO ★ A IMPRENSA DE TODO O MUNDO ACUSA A ESTRÊLA, POIS FOI CONFUNDIDA COM UMA AMIGA DA TRESLOUCADA ★ O DESABAFO DÁ-LHE TRANQUILIDADE.

De ALBERTO CONRADO (Exclusivo para "A CENA")

ESTAMPA DO SOFRIMENTO
O convento será o melhor caminho?

MARIA FELIX segue-me contando seu romance com o compositor de «Maria Bonita». «Recordo que numa festa que oferecemos a Cesáreo González, o produtor espanhol que logo me tentaria com um contrato de vinte milhões de pesetas por dez filmes a realizarem-se na Espanha, eu descia as escadas que davam para o salão de nosso castelo. Augustin maravilhosamente embelezado e inspirado e como se sua mente se tivesse iluminado repentinamente com um pressentimento que mais tarde se realizaria, improvisou sua hoje famosa «Madrid»... «Quando vaya a Madrid chulona mia, van a hacerte Emperatriz de Lavapies, a alfmobrarte de claveles la Gran Via, e invitarte con vinilo de Jerez».

Maria Bonita continuou falando, mais para si mesmo, em colóquio de íntima verdade.

«Adorava-me sim... Porém minha vida se fazia cada minuto mais impossível. Estava encerrada naquele castelo, roeada de comodidade e de luxo, porém, prisioneira. Seu ciumes o obsessionavam... Eram mais fortes que seu sentido comum. Fazia-me seguir até quando eu ia aos estúdios para filmar... Ciumes exarcebardos que lhe fizeram até dizer que eu era frívola e vaidosa... até infiél para com êle. Isso não podia continuar; nosso amor vinha por água a baixo e minha carreira estava perdendo sua maior oportunidade: o contrato que me oferecia C. González... Até que um dia...

LARA, BIGAMO

«Custou-me acreditar. Porém, ante a evidência, ante as provas palpáveis, não pude fazer outra coisa senão separar-me; meu marido possuia ao mesmo tempo outra legítima mulher. Creio que incorreu nesse delito de bigamia não intencionalmente, senão por desconhecimento das respectivas leis... Sei que ainda não pretendiamos divorciar-nos, mas entretanto eu via, ao mesmo tempo, que começava a matar em mim mesmo isso que mais vale no mundo: a esperança... Seus ciumes o cegavam; a vida ao seu lado tornava-se impossível... Então decidi acusá-lo de bigamia e separar-me.

Augustin — prossegue Maria, com voz tíbia — tratou de vingar-se não omitindo detalhes para deixar-me bastante pouco favorecida... Escreveu e interpretou um filme «Amores de minha vida»... E o mesmo fêz com algumas canções. Mas tudo isso é mentira. Posso dizer que tanto êle como meu anterior marido Enrique Alvarez, foram a Madrid e se hospedaram por «casualidade», no mesmo hotel onde eu estava. Não é uma prova de que ambos não me odiavam?... Pelo contrário, Lara lamentou muito seu comportamento e voltou a assediar-me. Porém já era tarde. O destino tinha secado nosso manancial de amor. E eu já tinha assinado o contrato que por tantas vêzes me oferecera Cesáreo Gonzalez...»

O ESCANDALOSO SUICIDIO

Maria Bonita apertou suas mãos contra a cabeça e finalizando disse:

— «Então apareceu em minha vida Rebeca Uribe... a qual haveria de ser minha secretária particular e que mais tarde acabaria intoxicada com «maconha» num quarto da boite «Tonys Court»...

Quando Maria pronunciou o nome de Rebeca Uribe — aquela mulher estranha que fôra sua secretária e morrera tràgicamente — sua voz baixou de tom tristemente e na fronte branca e larga marcaram-se algumas rugas. Então, deixou de falar, ficou de pé, cruzou o quarto e deixou vagabundear seu olhar através da ampla sacada. Porém o leve tremer de suas mãos já me tinham dito mais do que qualquer palavra. «Tarde cinzenta» — disse levemente.

Aproximei-me dela e olhei para a rua. Caiam já as primeiras gotas. De repente, Miss Felix começou a rir dos efeitos cômicos dos guarda-chuvas, dos escorregões e das caidas.

— «Olhe meu caro — disse-me — vamos para a rua, almocemos num restaurante e ali lhe contarei o que sucedeu com Rebeca Uribe».

Apertou um botão e segundos depois aparecia uma mulher que eu já tinha visto nos estúdios Clasa. Era sua atual secretária e me tinha causado graça vê-la vir e ir pelos «sets» modestamente vestida e de apa-

rência rústica «carregada» com as jóias de sua ama enquanto esta trabalhava.

— «Chama-se Amélia — aclarou Maria — mas eu prefiro chamá-la Amamelys. Anda Amamely, traz minha capa de borracha e diz para o chauffeur que prepare o carro».

Observei a Amamelys detidamente. Era morena, de um moreno côr de azeitona. Tinha os olhos negros, pequeninos... pouco nariz (igualzinho ao de Angela Lansbury. A bôca bonita. Pouco comunicativa.

Descemos e Maria ordenou ao condutor de seu «Cadillac», com um leve gesto, que nos seguisse e sorrindo disse:

— «Encanta-me caminhar na chuva. E' um dos meus prazeres prediletos. Não é delicioso?»

Concordei com um movimento de cabeça. Começamos a andar e não pude menos que me espantar ante os pés de Amamelys; estavam calçados com umas sandálias das mais sintéticas, quase descalça e se molhava em tôdas as poças de água da calçada... Claro que depois ri menos: Maria e sua secretária ficaram como se nada... e eu apanhei um resfriado inesquecível...

«AFFAIRE» TRAGICO

Durante o almôço — num restaurante da praça La Puerta del Sol — Maria contou a história de Rebeca Uribe. Pediu uma garrafa de borgonha, enquanto se fazia a comida.

— «Conheci a Rebeca Uribe — começou — aqui no México. Tinha uma cultura excepcional. Era poetisa e tinha atuado nos círculos cinematográficos do México e dos Estados Unidos. Teve uma alegria muito grande quando a contratei. Quando fui a Madrid, pela primeira vez, para filmar «Mare Nostrum», ela acompanhou-me. Tinha 35 anos e era formosa e simpática. Tinha já publicado alguns livros de versos».

Maria se deteve e fêz transitar seus olhos grandes e profundos, de pupilas enormes pelas árvores que na rua espalhavam as primeiras fôlhas sêcas. Ali voltei a compreender que miss Felix pertence a essa linhagem de mulheres onde o espírito, a riqueza interior, se transparentam e acusam na magnífica contração das linhas fisionômicas...

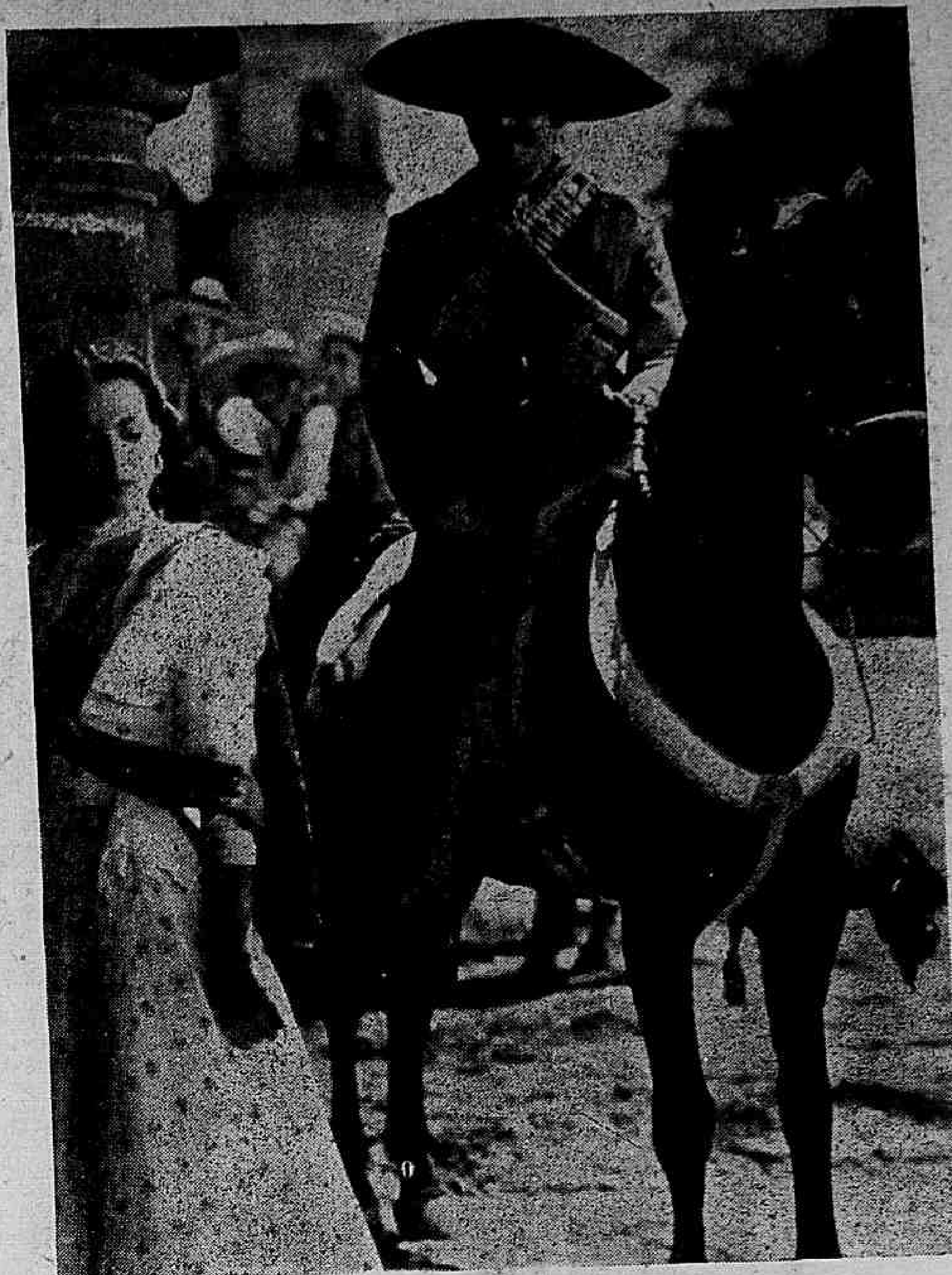
— «Disse-se que eu — continua lentamente — conhecia o passado de Rebeca... Um passado que eu nunca soube se foi verdadeiro. Associou-se ao escândalo provocado pelas intoxicações com «maconha» de alguns artistas norte-americanos (Exemplo: Robert Mitchum)».

— Eu estava convencida de sua inocência miss Felix. E foi com alegria que soube dos resultados das investigações.

— «Obrigado. Durante a rodagem de «Mare Nostrum», tomei umas férias e fui conhecer a França e a Itália. Rebeca acompanhou-me. Nada de anormal notei eu nessas viagens. Depois regressamos ao México... e aqui confessou-me seu drama... Em Hollywood, quase obrigada pelos amigos, tinha fumado «haschich», nome com que se conhece no Meio Oriente a «maconha». Acreditou que poderia abandonar êsse vício... mas com grande horror comprovou que essa maldita droga não abandona jamais a quem a prova uma só vez. Então foi para o México, acreditando que nesta cidade pura e de céus e ares límpidos, poderia lutar até vencer. Não foi assim. Sentiu-se vencida. Tinha que ficar a sós fechada num quarto e fumar, apesar, de vez em quando, cigarros de «maconha». Confessou-me isso tudo um mês antes de suicidar-se. Eu aconselhei-a a passar umas férias em Acapulco, porém ela negou-se terminantemente. Pensou que eu queria separá-la do meu lado... E foi então quando vestida com seu melhor vestido de «soirée» e acompanhada de uma sua amiga foi ao Tonys Club, o cabaret mais luxuoso e concorrido do México. Jantou num restaurante da rua San Juan e depois dançou num cabaret da avenida La Reforma e, entre uma e outra taça de champagne, ingeriu uma forte dose de «haschich»... Abandonou a vida com plena lucidez e pediu à amiga que fugisse para não comprometer-se...»

— Mas a coisa não fôra assim. — interrompi — Você foi confundida com essa amiga e...

— «Então, amigo, veio essa terrível acusação que lesava muito sèriamente minha dignidade e deitava sombras de dúvidas sôbre minha reputação...»



SEMPRE... «ENAMORADA»
Na tela e na vida real



REBECA URIBE E MARIA FELIX
A praga dos linotipos em 49

NO PRÓXIMO NÚMERO
PRETENDIDA POR UM PRESIDENTE

CINE ROMANCE



Spencer Tracy, Joan Bennett, Elizabeth Taylor, Don Taylor e o pequeno Donald Clark, principais protagonistas do filme, cuja novelização apresentamos neste número. E' bom frisar que esta comédia, continuação de «O Papai da Noiva», vem alcançando um sucesso sem precedentes nos Estados Unidos.

O NETINHO DE PAPAI

1a. PARTE

Gostaria imenso de ter a oportunidade de dizer algumas palavras sobre o que me aconteceu durante o ano passado. As mulheres talvez não simpatizem comigo. Crêem que as coisas são muito mais fáceis para nós homens. Porém estão muito enganadas. O homem é um mecanismo extremamente sensível e delicado. Se tratam-no bem, se o elogiam, se lhe fazem carinho, embora pouco, de quando em vez, êle permanecerá em boas condições por muitos anos. Entretanto, se alguém se atreve a ir contra a corrente...

Bem; vocês, caros colegas homens, compreendem o que quero dizer. Por exemplo, o sujeito trabalha duro durante anos, edificando um lar e educando uma família. De súbito apresenta-se-lhe um maravilhoso dia que, pela primeira vez na vida, vem demonstrar que todo indivíduo tem direito a gozar as delícias da natureza. Os negócios vão bem no escritório, os filhos já estão crescidos e não incomodam mais e o sujeito se sente cheio de vida e energia.

Então o sujeito fica pensando em todas as magníficas coisas que teria feito, se tivesse tido o tempo necessário. Pescar em tranquilos remansos... caçar em regiões agrestes... talvez escalar os cumes do Monte Everest! De qualquer modo, o sujeito está se sentindo nas melhores condições. Está quase a crer-se uma combinação de Don Juan e Cristovão Colombo. E o Destino escolhe justamente êsse momento para lhe aplicar um de seus golpes!

Lembro-me perfeitamente do dia em que os acontecimentos começaram. Foi um dêsses dias vacilantes de Maio... quando tudo na natureza parece despertar de novo para a vida. Eu tomei o trem costumeiro na cidade, porém ao chegar à estação, ao invés de apanhar o ônibus como sempre faço, decidi ir para casa à pé.

Sentia-me ótimo, física e moralmente. À medida que dava vigorosas passadas em direção à porta de meu lar, dizia com os meus botões: Stanley Banks, és um sujeito de sorte.. possues uma linda casa totalmente paga, três filhos, também totalmente pagos, e uma espôsa muito bonita.

Ellie estava radiante essa noite. Belisquei-lhe na face e, provàvelmente devido ao calor, apliquei-lhe um ardente beijo nos lábios.

"Stanley!" — esclamou, surpresa, afastando-se delicadamente de mim, e apanhando o chapéu, pois parecia ir a algum lugar.

"Que há contigo?" — perguntei. "Não se pode então beijar a espôsa?"

"Cala-te e vamos" — retrucou-me Ellie.

"Como "vamos"? Vamos aonde?"

"Kay e Buckley convidaram-nos a jantar em sua casa. Kay falou comigo esta manhã pelo telefone. Disse que tem uma notícia para nos dar."

Fiquei perplexo. Não quero que me interpretem mal. Kay sempre foi a filha predileta de meu coração. Não obstante, essa noite eu estava com o propósito de levar Ellie para jantar comigo em algum lugar romântico, onde houvesse flores e talvez música de violino.

"Oh," — disse eu, como único comentário, provàvelmente aquêle maluco do Buckley já fês negócio com aquelas ações de matéria plástica."

"Não creio que *essa* seja a notícia que nos querem dar," exclamou Ellie. "Tenho o pressentimento de que se trata de algo muito mais importante."

,Mais importante do que isso? Que pode haver de mais importante do que isso se se trata de milhares de dólares!"

"É algo... bem, nada! — murmurou Ellie, acrescentando: "Quer dar-me o abrigo, querido?"

Despedimo-nos de nossos filhos Ben e Tommy, da criada Dalila, e partimos, rumo ao apartamento de Kay.

Na viágem, disse a Ellie: "Sabes de uma coisa, meu amor? Creio que deveríamos gozar um pouco mais a vida", e segurando-lhe a mão, acrescentei: "Tu bem sabes que és uma mulher bonita."

Stanley!" — foi toda a sua resposta.

"Sim, sim, uma mulher preciosa. O mal é que dispomos de muito pouco tempo para ficarmos juntos. Chego em casa tarde, à noite e em lugar de pôr-mo-nos a conversar, pedes-me para consertar uma cadeira ou ajustar a torneira que pinga..."

"Tens razão, lamento muito," disse ela, sorrindo.

"Oh, não estou te censurando. Porém acho justo que devemos nos esquecer de tudo isso. Que deixemos a casa de lado — e tudo o mais, e nos concedamos umas férias. Não há motivo que nos impeça de fazermos uma viágem. Somos inteiramente livres... como na ocasião em que éramos dois recém-casados, antes de Kay aparecer. Com a diferença de que agora temos mais dinheiro. Poderíamos ir até mesmo à Europa."

Ellie me respondeu, meio pensativa: "Creio que seria melhor aguardármos a notícia que nos vai dar Kay."

Quase que não escutava o que ela dizia. Impulsionado pelo entusiasmo, continuei:



«Sentia-me ótimo, física e moralmente. À medida que dava vigorosas passadas em direção à porta de minha casa, dizia comigo mesmo...»

Título original:

"FATHER'S LITTLE DIVIDEND"

Extraído da película da Metro-Goldwyn-Mayer do mesmo nome. Versão cinematográfica de Albert Hackett e Frances Goodrich, baseada nos personagens criados por Edward Streeter.

Stanley Banks	SPENCER TRACY
Ellie Banks	JOAN BENNETT
Kay Dunstan	ELIZABETH TAYLOR
Buckley Dunstan	DON TAYLOR
Doris Dunstan	BILLIE BURKE
Herbert Dunstan	MORONI OLSEN
O Sargento	RICHARD ROBER
Dalila	MARIETTA CANTY
Tommy Banks	RUSTY TAMBLYN
Ben Banks	TOM IRISH
Dr. Andrew Nordell	HAYDEN RORKE
Reverendo Galsworthy	PAUL HARVEY

Dirigida por Vincente Minnelli — Produzida por Pandro S. Berman.



«Ellie estava radiante esta noite. Belisquei-lhe a face e, provàvelmente devido ao calor, apliquei-lhe ardente beijo nos lábios...»



«Mas para Ellie não era tão tarde, pois sentou-se na cama e começou a discar para tôdas as amigas conhecidas».

"Honolulu! Que te parece Honolulu, querida? Belíssimo lugar! Não achas, Ellie?"

"Já veremos."

"Lógico que é! Fica imaginando... Waikiki... a prai de Waikiki sob o luar... flôres, guitarras, amor. Amanhã mesmo vou falar com a agência de turismo."

Kay nos recebeu com carinhosa efusão. Estava radiante de saúde e beleza. Contudo, não sentia satisfação em vela uma mulher casada. Para mim continuava sendo uma garotinha... brincando de matrimônio. Essa noite eu transpirava euforia, com o néctar da bondade humana. Até por meu próprio genro, Buckley Dunstan, senti simpatia. Não quero com isso dizer que êle fôsse o meu ideal, mas pelo menos me ia acostumando com êle.

Os Dunstan também se encontravam lá. Herbert Dunstan não parecia muito contente. "É a primavera" — explicou sua espôsa. "A primavera o põe sempre melancólico."

"Suponho que todos vocês estão aqui porque receberam o mesmo recado que nós, não é? — disse Ellie.

Doris Dunstan assentiu com a cabeça e, dirigindo-se a Kay, perguntou-lhe: "Que grande novidade é essa que tu vais anunciar? Estamos ansiosos para saber do que se trata!

"Primeiro vamos aos coquitéis," disse Kay.

"Oxalá seja o que creio ser," observou Ellie.

"Eu já sei do que se trata" a intervim com ar de suficiência. É uma grande notícia, não é, Buckley?"

"Oh, Buckley, espero que não seja êsse horroroso contrato! — exclamou Ellie.

"Um contrato! — repetiu mecânicamente o pai de Buckley —"Isso só?"

Oh... e nós que esperávamos fosse um bebê... e agora vocês me saem com estas histórias!"

"Mas mamãe," disse Kay felinamente. "É justamente isso: um bebê!"

Ao ouvir isto, Ellie e Doris se arremessaram sôbre Kay, aturdindo-a com perguntas e felicitações. Dunstan estáva feliz. Jamais presenciara eu tanto alvorôço. Kay era trazida e levada, de braços em braços, e todo o mundo a queria. Buckley era testemunha muda de toda aquela cena, tratando de parecer modesto. Porém não lograva fazer senão o papel de bôbo.

Eu, reunindo fôrças, ri também e me uni ao alvorôço. Entretanto, bem dentro de meu coração, senti algo que me incomodava. Não podia analisá-lo claramente, porém havia algo ali que me mortificava terrìvelmente.

O velho Dunstan se acercou de mim e deu-me uma forte palmada no ombro. "Sim, senhor! Esta é a notícia mais sensacional que tive nos últimos tempos! — exclamou com um entusiasmo irônico. " Não está contente, vovô?

Vovô! Isso era o que irritava. Vovô! Bolas para êsse Buckley! Primeiro havia me roubado a filha... e agora me convertia em AVÔ!

Quanto mais pensava no assunto, mais perplexo me sentia. Eu, um avô! Porque tão cedo, se me sinto jovem e cheio de energia? O sangue corre impetuoso em minhas veias e sinto-me capaz de todas as aventuras, passadas e futuras! E mesmo assim... *avô!* Logo pús-me a pensar em outros avôs que conhecia. Eram todos velhos. Velhos, decrépitos e cheios de achaques. Ali estava, por exemplo, aquêle desdentado que morava em nossa rua... um cliente nosso cujo hábito principal consistia em estar riscando nomes de seu testamento... e aquêles moribundos do club, tão desvitalizados e inertes que era necessário usar um estetoscópio para saber-se que ainda estavam vivos. Não! Não! Eu não posso pertencer àquela turma de caducos! Não estou disposto a me entregar às traças! Nem comecei a viver ainda!...

Ellie, entretanto, parecia feliz com a idéia de ser chamada "vovó". De maneira que chegámos em casa bem tarde naquela noite. Mas para Ellie não era tão tarde assim, pois logo sentou-se ao telefone e começou a chamar a todos seus amigos e conhecidos, participando-lhes a notícia.

"Sabes de uma coisa? Acho que vou dar uma festinha de recepção ao guri," dizia-me entre uma e outra chamada. "Poderíamos reunir todas as mulheres num sábado e tu depois convidarias os homens."

"Mas, mulher!" — disse-lhe no auge do desespêro. "Será porventura preciso que propalemos isto aos quatro cantos? Além do mais, não é assunto nosso..."

Ellie ficou parada, fitando-me com assombro. "Stanley! Que se passa contigo? Poderia jurar que ages como se a idéia te chocasse!"

"Justamente, mulher. Choca-me a idéia."

"Mas... Por que, Stanley, por que?"

"Vou dizer-te porque. Em primeiro lugar, êsses pobres não têm espaço em sua casa para um menino. O apartamento em que vivem mal dá para dois. Em segundo lugar, necessitam de dinheiro para sustentar um filho. Os bebês custam muito dinheiro... e à medida que crescem, crescem as despesas. Que achas tu que êles vão usar como dinheiro? Já o ouviste esta noite, quando lhe perguntei se tinha arranjado o contrato. Disse que não... e nem sequer se preocupa! E êle é quem vai ser o *papai!* Está crente que quem vai pagar os gastos sou eu, mas engana-se redondamente. Eu, que ainda bem não me livrei das contas de seu matrimônio!"

"Mas, Stanley..." — começou Ellie.

"E além disso, acrescentei. "creio que deveriam esperar."

"Esperar? Esperar o que?"

"Esperar uns sete ou oito anos. Que é que êles sabem a respeito de crianças, se a própria Kay é uma criança? Acabando de sair da escola, casa-se com o primeiro homem que encontra... e agora aparece com um filho"!

Ellie disse: "Stanley Banks, escuta-me: lembra-te de que eu também saí da escola para casar-me contigo. Lembras-te de quando nós nos casamos? Casámo-nos num dia quatro de Setembro. Muito bem; lembras-te de quando Kay nasceu?"

rastou para dentro. "Olha, papaizinho! — disse-me. "Não queres ver os presentes?"

Ellie me falou de longe: "Stanley, quando terminares tenho algo muito importante para te dizer. Estou esperando-te na cozinha.

Voltei o rosto para todos os lados. O único homem metido naquele enxame de faladeiras era Buckley. Estava rodeado delas e deu-me a impressão de um pobre sujeito que está se afogando.

"Vá conversar com Buckley," sugeriu Kay.

Mas eu resolvi deixar que Buckley se cozinhasse em seu próprio caldo.

"Não, tenho que falar com tua mãe," disse-lhe, dirigindo-me para a cozinha.

Pelo que parecia, Ellie tinha uma excelente idéia. "Estou pensando em convidar Kay e Buckley para virem viver conosco," declarou.

"Mas, Ellie... Ficaste maluca?"

"Presta atenção, Stanley, é muito simples. Podemos fazer uma salinha do que era antes o aposento de Kay. Depois abrimos uma porta para o quarto de Ben, e essa será sua alcova. Em seguida poremos Tommy no quarto dos hóspedes, mandamos abrir uma porta que dê para o banheiro e fazemos ai a habitação do bebê... pertinho de nosso dormitório. Poderiamos até abrir outra porta comunicando com nossa alcova, pois a criança poderá chorar à noite!

"Não! Não!" — disse eu firmemente.

"Stanley, seja razoável. Não nos custará muito. Já falei com o empreiteiro. E êste é o lugar mais seguro para o bebê. Além disso, imagina que bonito será quando Kay e Buckley queiram ir passear à noite, ou talvez tomar umas férias de duas ou três semanas. Não teriam que se afligir. Estariamos aqui para tomar conta do menino..."

Não deixei que ela terminasse. "Escuta, Ellie. Compreendo quão ansiosa tu te encontras para pôres as mãos nessa criança. Porém minha resposta é simplesmente NÃO. Já passei por tudo isso. A mamadeira as duas da madrugada. Logo depois a cólica às três... e mais tarde o sarampo e toda sorte de bobágens. Não quero voltar a sofrer todo esse calvário. Nem muito menos com o filho dos outros"!

"Mas acontece que as coisas não serão como tu pensas, Stanley. Divertir-nos-emos tanto com um bebê dentro de casa!"

Disse, sem fraquejar: "Tu poderás te divertir com o bebê em seu apartamento, quando te entregarem o garôto lavadinho e limpo. Porém essa criança não vem morar aqui, e isso é definitivo!"

"Bem sabes que o apartamento é pequeníssimo..."

"Ora, que comprem uma casa."

"Não podem comprar uma casa no momento."

"Justamente ao que quero chegar. Deveriam ter pensado nisso antes!"

"Não compreendo..." — disse Ellie tristemente, "como podes ser tão mau com um inocente e inofensivo garotinho."

O pai de Buckley Dunstan é algo mais, além de um homem rico; é algo que jamais espero ser: um intrigante. E nos revelou, poucos minutos após minha conversa com Ellie na cozinha,



«Uma semana mais tarde Ellie organizou uma reunião a que deu o nome de «Festa da Cegonha».

"Sim. No dia 21 de Junho."

"Precisamente." continuou ela. "Quando minhas condiscípulas estavam recebendo seus diplomas na escola, eu estava no leito dando à luz." Imediatamente pôs-se de pé, aproximou-se de mim e segurou-me o braço. "Oh, Stanley, bem sei que não têm dinheiro e a casa onde vivem é muito pequena, porém todas essas coisas são secundárias. O importante é que vamos ter um netinho! Não compreendes? É o mesmo que receber um dividendo!"

"É como receber um dividendo? — repeti maquinalmente.

"Claro que sim! Não o vês? Chegamos uma coisa sem que para isso tu dispendesse esfôrço algum. Nem tampouco terás as responsabilidades e dificuldades que implica a criação de um menino. Tudo o que tens a fazer é admirá-lo e te divertires com êle."

Não encontrei palavras no momento. Ellie fez tudo parecer bem simples. A única coisa que tinhamos a fazer pelo novo bebê era amá-lo.

Uma semana mais tarde, Ellie organizou uma reunião a que deu o nome de "Festa da Cegonha".

Quando cheguei à feliz festinha, a sala estava repleta de pacotes, objetos brilhantes e mulheres palradoras. Tentei passar despercebido, porém Ellie me viu e correu em minha direção.

"Stanley... Que ótimo teres chegado a tempo! Hás de ver as preciosidades com que obsequiaram Kay! Todas lhe trouxeram algo!"

"Que outra coisa podíam fazer? — disse eu cínicamente.

"Oh, tu o fazes parecer uma coisa mercenária," replicou-me Ellie. "Vamos, entra para que vejas tudo."

"Não, filha. Êste não é lugar para um homem."

Nesse momento Kay veio para o meu lado, tomou-me a mão e quase me ar-

que já tinha planos mui concretos relativos ao bebê.

Kay convidou-nos a passar para a sala. Tôdas as mulheres que tomavam parte na "Festa da Cegonha" haviam desaparecido, para minha satisfação. Encontrei Dunstan e a espôsa, olhando com orgulho um plano arquitetônico. De acôrdo com as palavras de Dunstan, esse plano significava a solução do problema dos jóvens pais: era o projeto de uma extensão, que se construiria ao lado de sua residência, com a finalidade de prover de amplas dependências e toda sorte de comodidade a Bukley, Kay e o futuro herdeiro.

"Olhem aqui," dizia Dunstan satisfeito. "Esta será sua biblioteca; aqui ficará sua sala e ali sua alcova; depois temos aqui a sala de jantar e a cozinha; no segundo andar, o aposento para o bebê e uma dependencia para a ama."

"E o melhor de tudo," — interveio Doris Dunstan, — contam com dois avós que cuidarão do bebê como a menina de seus olhos."

Dunstan voltou-se entusiasmado para Buckley e Kay. "Bem, filhos, que tal lhes parece?"

"Tudo isso é maravilhoso. Não acha, Buckley?" — exclamou Kay.

"Sim, de fato. Obrigado, papai, és muito amável," disse Buckley.

Fiquei observando Ellie, que se esforçava para sorrir, embora sem muito êxito. Com tristeza via que o bebê se lhe escorregava por entre os dedos.

"Vou buscar-lhe o chá," disse, tratando de dissimular sua amargura.

Acompanhei-a até à cozinha. "Ellie, que tens?" — perguntei.

"Tudo por culpa tua! — soluçou. "Isso nunca teria acontecido se houvesses deixado que eu os convidasse a virem morar aqui."

"Não te compreendo, Ellie. Tu te preocupas mais com essa criança que com qualquer dos filhos que tiveste."

"Não. Já compreendo. Não te importas. Esta é a ocasião em que Kay mais precisa de nós e eu estava disposta a ajudá-la em tudo... a fazer compras, a prepará-la, a arranjar o enchoval do garôto e a... — Ellie pôs-se a chorar.

"Está bem, Ellie, está bem," disse eu, tratando de consolá-la. "Se isto significa tanto para ti, está bem. Convida-os para morar conosco."

"Oh, não. Agora é tarde. Irão morar com os Dunstan e nunca mais os veremos."

"Vamos, Ellie, sê razoável..."

"Ouviste bem o que lhes disse Doris Dunstan. Que êsse bebê será o maior acontecimento na vida de Herbert! De Herbert! Isto é, que vão absorver o menino de corpo e alma."

"Ellie, isto é ridículo..." — comecei a dizer.

"Não me fales!" — gritou-me ela, enxugando as lágrimas.

"Não estás te portando como uma..." — Não consegui terminar, porque Ellie saíu da cozinha violentamente, batendo com a porta.

A verdade é que Ellie estava completamente enganada. Herbert e Doris Dunstan tinham planos a respeito do bebê, é um fato, mas Ellie também tinha os seus. Todavia, ninguém se lembrava de que Kay e Buckley poderiam também ter seus próprios planos.

Buckley conseguira comprar uma casinha a prestação e já havia pago a primeira. As semanas que se seguiram se converteram num torvelinho de reedificar, pintar, decorar e limpar. Os Dunstan se aprestaram a obsequiar os recem-casados com uma infinidade de utensílios e instrumentos, aparelhos e móveis, para evitar-lhes trabalho e proporcionar-lhes confôrto. Por felicidade, só uma coisa lhe escapou: acondicionamento de ar do quarto do garôto. Assim, pois, eu e Ellie tivemos oportunidade de brilhar, contribuindo com um dos mais modernos acondicionadores de ar.

Em meio daquela confusão, sòmente pude falar com Kay a sós uma vez, no jardim de sua nova casa.

"Gostas de nossa casinha, papai?" — perguntou-me.

"Parece-me magnífica, filha."

"Papaizinho; como te sentiste quando tiveste o primeiro filho? As coisas se transformaram entre ti e mamãe? Quero dizer... que *sentias?*".

"Bem... creio que fiquei um tanto confuso, perplexo. Porque durante um ano havia eu sido o centro das atenções de tua mãe e de repente vieste tu a me disputar o lugar," respondi-lhe.

"Talvez me odiasses, não, papai?"

"Oh, não! Não cheguei a tanto. Creio que o pior dia foi quando te levámos para casa. Banhámos-te, demos-te alimento e te pusemos no bercinho. Depois, a todo momento, íamos ver o que se passava contigo. Se choravas, críamos que estavas doente. Se estavas calada, ficávamos alarmados, supondo que tinhas morrido. Lembro-me de ter passado toda a noite em claro, pensando: "Que é que fomos arranjar? Éramos tão felizes! Livres como passarinhos... e agora presos! Presos por alguns quilos de humanidade gritante!"

"Crês tu que todos os pais pensam o mesmo?" — perguntou Kay.

"Não saberei dizê-lo. Só sei que isso é o que sentia. Ainda me recordo que no dia seguinte tu despertaste de madrugada, num berreiro louco. Tua mãe se levantou para fazer teu alimento e eu me aproximei de teu berço para ver o que podia fazer para calar-te. Quando pús a mão em ti, tomaste-me o dedo e o apertaste com toda força. Desde então conquistaste meu coração."

Kay disse: "Oxalá Buckley venha a sentir o mesmo que sentiste."

Nessa tarde, toda a turma... os Dunstan, Ellie e eu, Kay e Buckley... todos nós vimos envolvidos em acalorada discusão acêrca do nome que deveríamos dar ao menino, seguida de uma altercação entre os sogros para definir qual o médico que deveria atender a Kay.

Finalmente Kay se revoltou. Pondo-se abruptamente de pé, deixou a sala, banhada em lágrimas. Quando tentámos seguí-la, disse-nos: "Nenhum de vocês parece se dar conta de que o bebê é meu... meu e de Buckley... Pois bem, fiquem sabendo que vou ter meu filho da maneira como eu bem entenda e dar-lhe o nome que me pareça melhor!"

Naturalmente que, passados alguns minutos, pediu-nos desculpas pela sua rebeldia. E durante um ou dois mêses tudo parecia ter ficado tranqüilo. Muito tranqüilo. Eu bem pressentia que aquela era a calmaria que antecipava a tempestade.

O telefone da cabeceira da minha cama tocou às 2,45 da manhã.

Era Buckley quem chamava. "Buckley, não sabes que horas são? — disse eu, francamente aborrecido.

Com voz angustiada, respondeu: "Sinto muito... mas, só queria saber se Kay está aí."

"Kay!" — exclamei alarmado. "Claro que não está aqui! Por que havia de estar?"

Buckley tartamudeou: "Bem, pensei que... Se estivesse aí... eu poderia ir apanhá-la."

Quando saíu de casa?" — perguntei.

"Não sei... estive ausente várias horas... acabo de chegar há pouco... tivemos uma discussão de manhã... e..."

Interrompeu-se. Vacilou. Em seguida, gritou: "Se acontecer alguma coisa a Kay, me matarei!"

"Não te preocupes," disse-lhe. "Não precisas te dares a êsse trabalho. Fá-lo-ei por ti. A proposito, ela levou alguma coisa consigo? Alguma valise, ou coisa que o valha?"

"Sim. Levou o chapeu, o guarda-chuva, a caixa de maquilágem e a escova de dentes..."

"Se levou consigo a escova dentes, não está com o propósito de se atirar no rio," observei. "Vou para aí agora mesmo. Espera-me."

CONCLUI NO PROXIMO NUMERO



«Encontrei Dunstan e a espôsa mostrando com orgulho um plano arquitetônico. Êle parecia imensamente feliz».



«Aproximei-me do telefone e chamei a Companhia de Taxímetros com a esperança de obter algumas informações».

Flashes Mundiais

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Teresinha, a filha da aplaudida artista Mara Rúbia, foi escolhida para a voz brasileira do desenho de longa metragem, «Alice no País das Maravilhas» (Alice in Wonderland), de Walt Disney, para a R.K.O Depois de várias provas, foi contratada para «falar» o papel da protagonista do novo desenho de Disney e ser lançado no Brasil possivelmente pela Páscoa do próximo ano. Teresinha não é uma desconhecida pois a sua estréia sensacional na peça «Mulheres», com Dulcina-Odilon, foi o comentário obrigatório de todos os que assistiram à esplendida produção. Estreou aos sete anos de idade e revelou nesse primeiro contacto com o público brasileiro verdadeiro talento para a carreira de teatro. Depois de três anos, passado nas classes escolares, volta a representar, e o faz num trabalho dificil que é o de «doblagem» e tudo indica que o seu êxito será grande tanto mais que o filme levará a sua voz na interpretação de «Alice no País das Maravilhas» a todos os recantos do Brasil e de Portugal, onde são exibidos tôdas as versões brasileiras dos desenhos de Walt Disney. Entrando em férias no mês de Julho, Teresinha vai ser uma menina muito ocupada, pois não só gravará as canções e os diálogos de «Alice» como também interpretará um dos papéis principais de uma nova produção nacional para a «Cinelândia Filmes», onde há pouco, seu irmão, Birunga alcançou tanto sucesso no filme «Tocaia».

ESTADOS UNIDOS

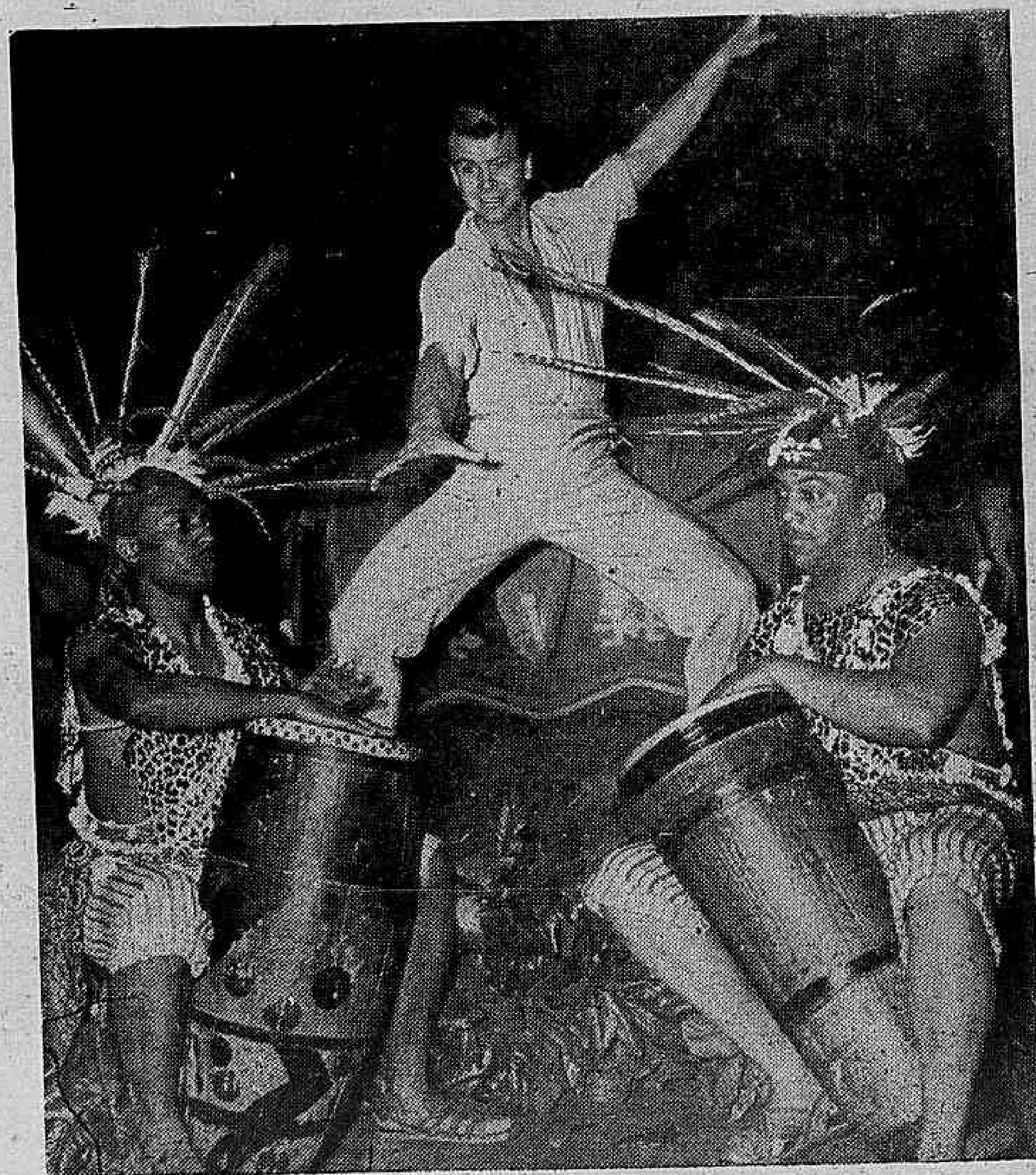
O mais recente filme do Senhor das Selvas, Tarzan, cujo titulo é "Tarzan na Terra Selvagem" (Tarzan's Peril), terá uma distribuição extraordinária, na forma de uma estréia em duzentas cidades simultâneamente. Essa nova fita de Tarzan, que tem por ambiente o continente africano, foi realmente filmada, em grande parte, no território da África Britânica Equatorial, e sua grande estréia está anunciada para o mês corrente. ★ *WILLIAM FAULKNER, que recebeu o prêmio Nobel de literatura, está escrevendo um argumento cinematográfico para os Estúdios da RKO-Radio, baseado na interessante novela de William Barrett "The Left Hand of God". O filme será produzido pela Companhia Winchester, de Howard Hawks e Edward Lasker, começando-se a filmagem em outubro vindouro. A película "The Thing", de Winchester, está já na sua fase final, e "The Big Sky", da mesma emprêsa, começará a ser produzida em julho próximo.* ★ *"THE BLUE VEIL" — Franz Waxman escreverá a música de fundo do filme "The Blue Veil", produção de Jerry Wald e Norman Krasna, com Jane Wyman no principal papel feminino, sob a direção de Curtis Bernhardt, nos Estúdios da RKO. Waxman tem a seu crédito a composição de músicas para grandes filmes, como "Task Force", "Sorry. Wrong Number" e "The Paradine Case".* ★ *"THE THING" — Com a filmagem de "The Thing", nos Estúdios da RKO-Radio, produzida por Howard Hawks, escreveu-se uma nova página da história cinematográfica. Uma sequência do filme requeria a participação de seis "aguenta-golpes" e uma mulher também "aguenta-golpes" (imaginem!), mas era tão perigosa a tarefa que deviam realizar que o produtor Howard Hawks pediu "substitutos" para os "aguenta-golpes", no caso de que algum dêles se ferisse. Felizmente, porém, a sequência foi filmada, sem que houvesse nenhum acidente de importância. A sequência em questão era um incêndio num dormitório das Fôrcas Aéreas, em que se achavam cinco homens e uma mulher. Um personagem misterioso ("The Thing") entra no dormitório, e um dos pilotos arroja querosene ao intruso, ao mesmo tempo que outro ateia fogo ao*



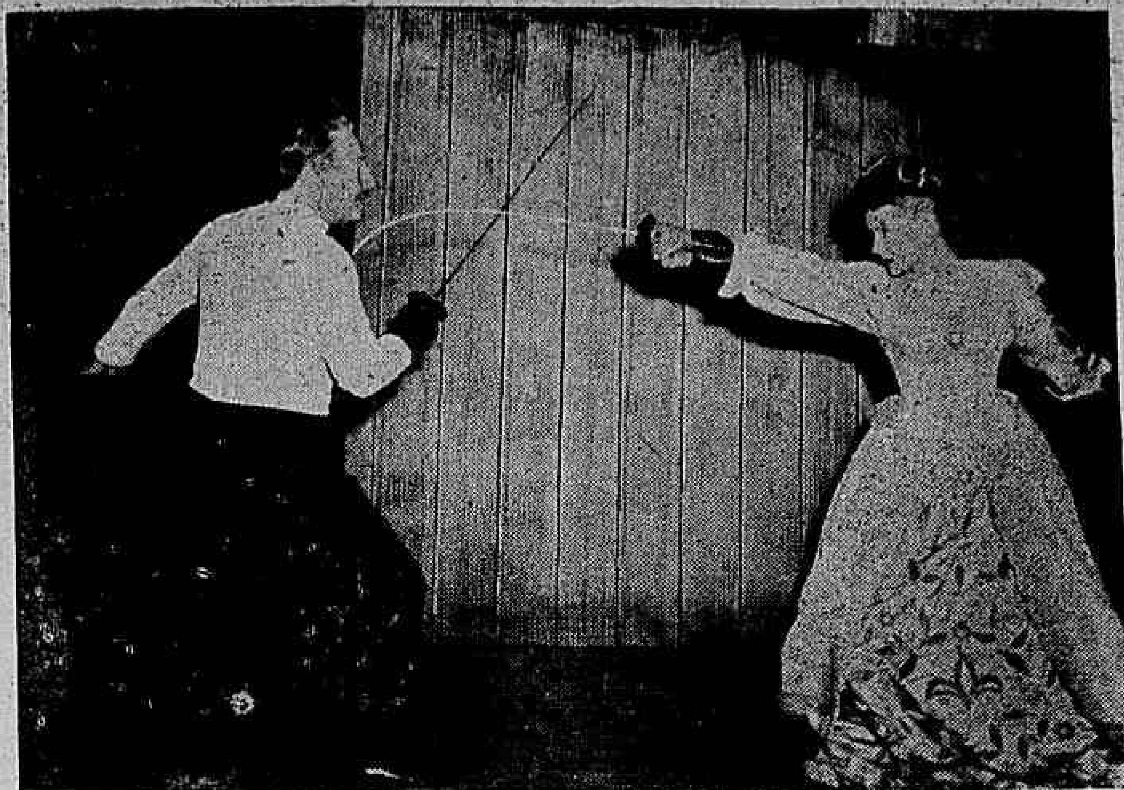
O NOVO TARZAN, Lex Barker, que caseu-se recentemente com Arlene Dahl, será visto brevemente em «Tarzan Na Terra Selvagem» ou seja (Tarzan's Peril). O verdadeiro nome de Lex Baxter é Alexander Timotheus Crichlou Barker.



VINCENT PRICE, o astro de Bagdad» e «Curtain Call at Cactus Creek», é visto aqui em sua confortável e exótica residência de Hollywood. Vincent, é um grande amigo das artes e sua casa, possui raros e magnificos objetos decorativos.



Ensaiando um interessante número de dança, para o seu próximo filme, vemos Gene Nelson da Warner Bros. Gene sempre desejou fazer carreira como dançarino no cinema, e depois de «Tea for two», êle vem aí dançando muito em «Crazy Rithim».



MAIS UM TECNICOLOR para Maureen O'Hara. A linda estrêla da R.K.O. estará novamente de volta em «Sons of the Musketeers». Na foto Miss O'Hara ensaia um duelo com Fred Cavens, graduado pelo «Royal Fencing College of Brussels».



MARIO LANZA é sem dúvida um dos astros mais em evidência atualmente. O intérprete de «Qaundo eu te amei», com Katryn Grayson, está filmando «O Grande Caruso». Na foto vemo-lo, quando recebia no estúdio a visita de Papai e Mamãe Lanza.

dito personagem. O "set" fica inteiramente em chamas. Os participantes da cena, as paredes e os móveis estavam protegidos contra o fogo, como é natural, mas, apesar de tôdas as precauções, dois dos "aguenta-golpes" sairam com queimaduras ligeiras, tendo sido tratados imediatamente pelos médicos e pelas enfermeiras que se achavam a postos no local, para qualquer emergência. ★ CHARLES MCGRAW — A RKO exerceu pela segunda vez os seus direitos ao contrato de Charles McGraw, ator que apareceu em três filmes dessa companhia no ano passado. Natural de New York, com muitos êxitos em sua carreira teatral, McGraw adquiriu fama no cinema com a sua interpretação de um dos mais importantes papéis do filme "The Killers", de Mark Hellinger. McGraw terminou o seu trabalho em duas recentes peliculas da RKO-Radio "Narrow Margin" e "Roadblock". ★ "BEHAVE YOURSELF" — Grouxo Marx e Oscar Levant aceitaram os papéis de "detectives" na pelicula "Behave Yourself", produção de Wald-Krasna para a RKO-Radio. Os dois famosos artistas, que são amigos intimos de Jerry Wald e Norman Krasna, aceitaram os papéis, sem menção dos seus nomes no elenco, apenas como gesto de boa-vontade, cooperando cóm os produtores em sua primeira realização. Será essa a primeira película da série de doze que Wald e Krasna produzirão êste ano, de acôrdo com o contrato que têm com Howard Hughes. Farley Granger e Shelley Winters terão os papéis principais dêsse filme, que será dirigido por George Beck, o qual é também o autor do argumento da película. Stanley Rubin figura como produtor associado. A atuação anterior de Groucho numa fita da RKO-Radio foi em "It's Only Money", com Jane Russell e Frank Sinatra. Levant se tem dedicado inteiramente aos seus concertos, desde que apareceu na tela pela última vez, em 1948. ★ SUCESSO DE TONY MARTIN EM NOVA YORK — Tony Martin, o astro da revista musical em tecnicolor "Two Tickets to Broadway", da RKO Radio está aparecendo em pessoa no teatro Roxy de New York, com um êxito extraordinário. Com Tony Martin, tomam parte nessa superprodução musical Janet Leigh, Ann Miller, Gloria de Haven, Eddie Brecken e outros grandes nomes do cinema, do teatro e do rádio. ★ "ON THE LOOSE" — Collier Young contratou Lynn Bari para interpretar um dos papéis principais do filme "On the Loose", produção da Filmakers, que será distribuida pela RKO. Lynn Bari fará o papel de mãe de Joan Evans, que terá o principal papel feminino da fita. O argumento cinematográfico foi escrito por Katherine Albert e Dale Eunson. O filme será dirigido por Charles Lederer. ★ "ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS" — Walt Disney criou trinta personagens principais em

(Cont. na pág. 30)



RITA HAYWORTH, a famosíssima ex-princesa [illegible], afastou-se definitivamente de seu marido Ali Khan. Rita voltou para Hollywood, onde mais bela do que nunca reiniciará sua interrompida carreira cinematográfica.

POLÔNIA

O cinema educativo constitui na Polônia Popular um fator de primeira importância na grande campanha de difusão da cultura e do saber entre as mais largas massas do povo trabalhador, contribuindo eficazmente para a edificação pacifica das bases do socialismo no país. No ano passado os filmes educativos eram exibidos em 9.000 escolas e 1.300 Clubes de Cultura por mês. Dêsse modo, mais de 1.400.000 escolares e 200.000 frequentadores de Clubes de Cultura assistiam mensalmente à exibição de peliculas educacionais e cientificas. O cinema educativo penetrou assim em 580 cidades e 3.700 aldeias. Êste ano, essa campanha sofrerá nova e considerável expansão. Aos totais acima mencionados deve-se acrescentar exibições especiais de filmes técnicos nas fábricas e no campo. Assim, por exemplo, durante as semeaduras de primavera seguiram com destino às cooperativas rurais de produção equipes de instrutores agricolas, que dispunham de trinta fitas ilustrativas das técnicas novas de trabalho rural, que se propunham ensinar aos camponeses. O filme educativo é ainda de inestimável auxilio na organização de conferências e preleções, solenidades culturais, etc. Durante as recentes Jornadas de Instrução, Livro e Imprensa, a Associação da Difusão do Saber organizou mais de três mil conferências, apoiadas por filmes educativos e cientificos apropriados, de curta e média metragem. A variedade de assuntos escolhidos foi muito grande.

Técnicos poloneses em cinema educativo acham que futuramente será possivel organizar verdadeiras "universidades filmicas". Para isso seriam entretanto necessários numerosissimos filmes, que exponham assuntos cientificos de maneira a prescindir de um comentário verbal paralelo ou uma explanação prévia por parte de uma especialista. Mais ainda, seria preciso possuir ciclos extensos de fitas que oferecessem um panorama sistemático e completo de vários ramos do saber. Esse ambicioso e belo projeto não pode ser pôsto ainda em prática e a função principal do cinema educativo na Polônia, na etapa atual, consiste em completar e ilustrar aulas escolares, universitárias e conferências e preleções para um público mais amplo. Entretanto, um grande passo para a frente nesse sentido será dado com a inauguração em algumas cidades de salas de cinema especializadas em programas educativos e cientificos, a exemplo do que vem sendo feito para as atualidades.

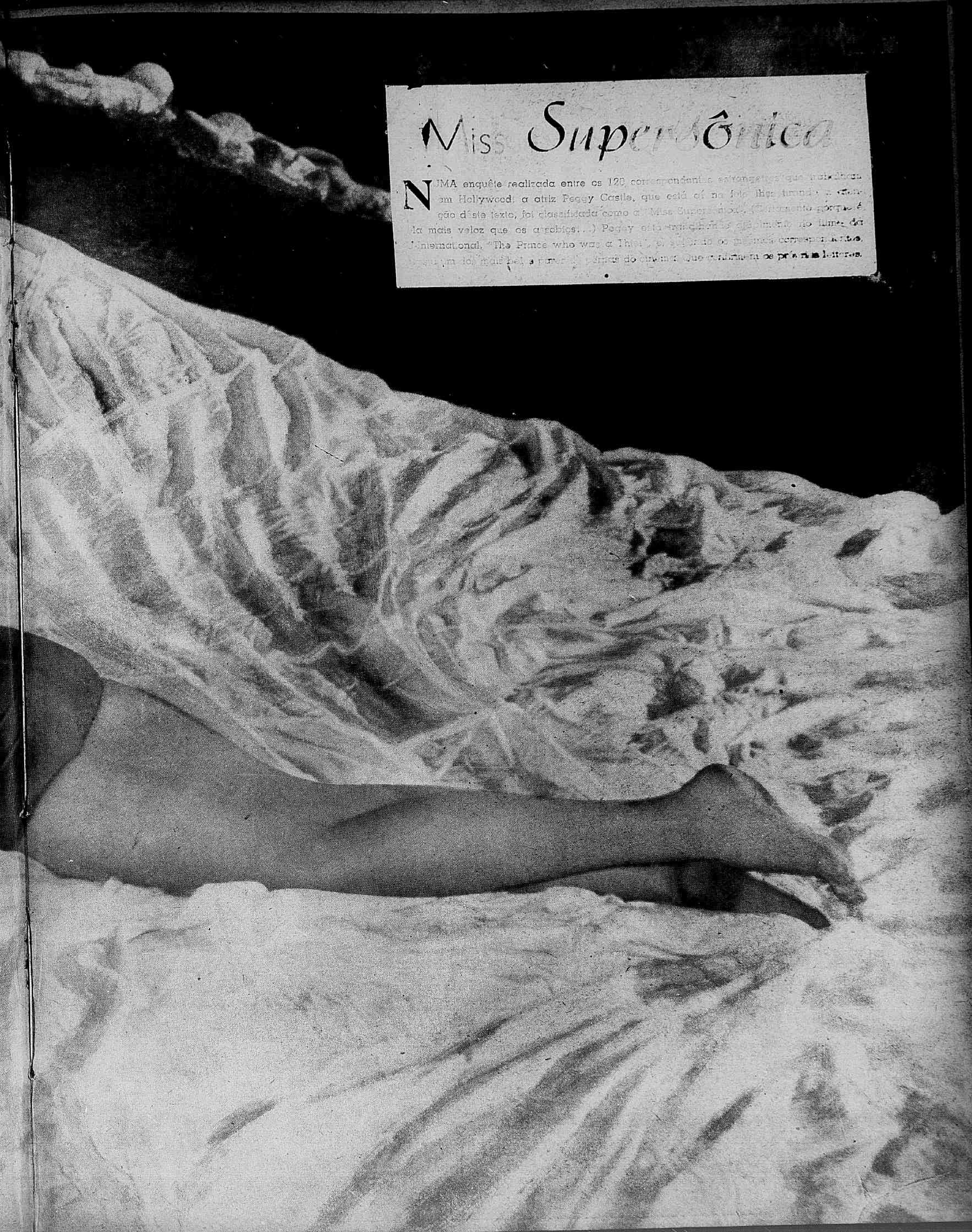
ARGENTINA



MARIA ANTINEA, estrêla da Espanha no cinema argentino.

INÚMEROS têm sido os astros de nome internacional, notadamente os europeus, que têm emprestado o seu concurso ao cinema argentino. Da Itália, França, Inglaterra, etc., têm vindo vários nomes que prestigiam o cinema portenho. A sua mais recente aquisição, foi Maria Antinéa, eminente figura da sétima arte espanhola. Os sucessos de Maria Antinéa são já bastante conhecidos, seu sucesso no rádio e no teatro mexicano têm sido realmente marcantes. Também na América Central, Maria Antinéa, conseguiu conquistar um enorme número de incondicionais fãs. Após uma prolongada excursão por vários países sulamericanos, tais como Colômbia, Venezuela, Chile, Peru, etc. Maria Antinéa chegou finalmente à Argentina, onde o cinema reclamou de pronto o seu concurso. Em seu primeiro trabalho para os estúdios portenhos, Maria, representa em seu filme de estréia, um duplo papel, o da «Doutôra Emília Sáenz» e o da «vedetta» internacional, «La Romerito». Conhecida como uma das mais bem vestidas estrêlas do cinema castelhano, Maria Antinéa é também uma exímia cantora e bailarina, interpretando nada menos de, uma canção espanhola, um mambo cubano, um «boogie-wogui», um «corrido» mexicano e um «malambo» argentino, além de encabeçar um bailado com 80 figurantes de ambos os sexos. «La Dotora Castañuelas» é o título da película que nos dará a conhecer esta simpática e dinâmica estrêla.





Miss Supersônica

NUMA enquête realizada entre os 120 corre[illegible] [illegible] que [illegible] em Hollywood, a atriz Peggy Castle, que está aí na [illegible] [illegible] ção dêste texto, foi classificada como a "Miss Supers[illegible]". ([illegible] porque é la mais veloz que os [illegible]...) Peggy está [illegible] no filme da [illegible] International, "The Prince who was a Thief", e, [illegible] os [illegible] correspon[illegible], [illegible] um dos mais bel[illegible] [illegible] do cinema. Que confirmem os pr[illegible] leitores.



Jeff Chandler iniciou sua carreira no rádio, mas sua ascenção ao estrelato, no cinema, foi vertiginosa. Hoje é disputadíssimo pelos produtores de Hollywood.

O HOMEM DO MOMENTO

UM tipo másculo, brutal, porém simpático, extremamente simpático, está na ordem do dia para os fãs de cinema do mundo inteiro. Está conquistando o «cartaz» que foi mantido, tempos atrás, por Clark Gable. Não é um rapaz bonito como Tyrone Power, mas as fãs sentem-se irresistivelmente atraidas pela sua figura. Embora com os cabelos prematuramente brancos, conta apenas 32 anos de idade. E seu rosto está marcado por acidente sofrido no campo de treinamento durante a Segunda Grande Guerra. Seu nome é Jeff Chandler.

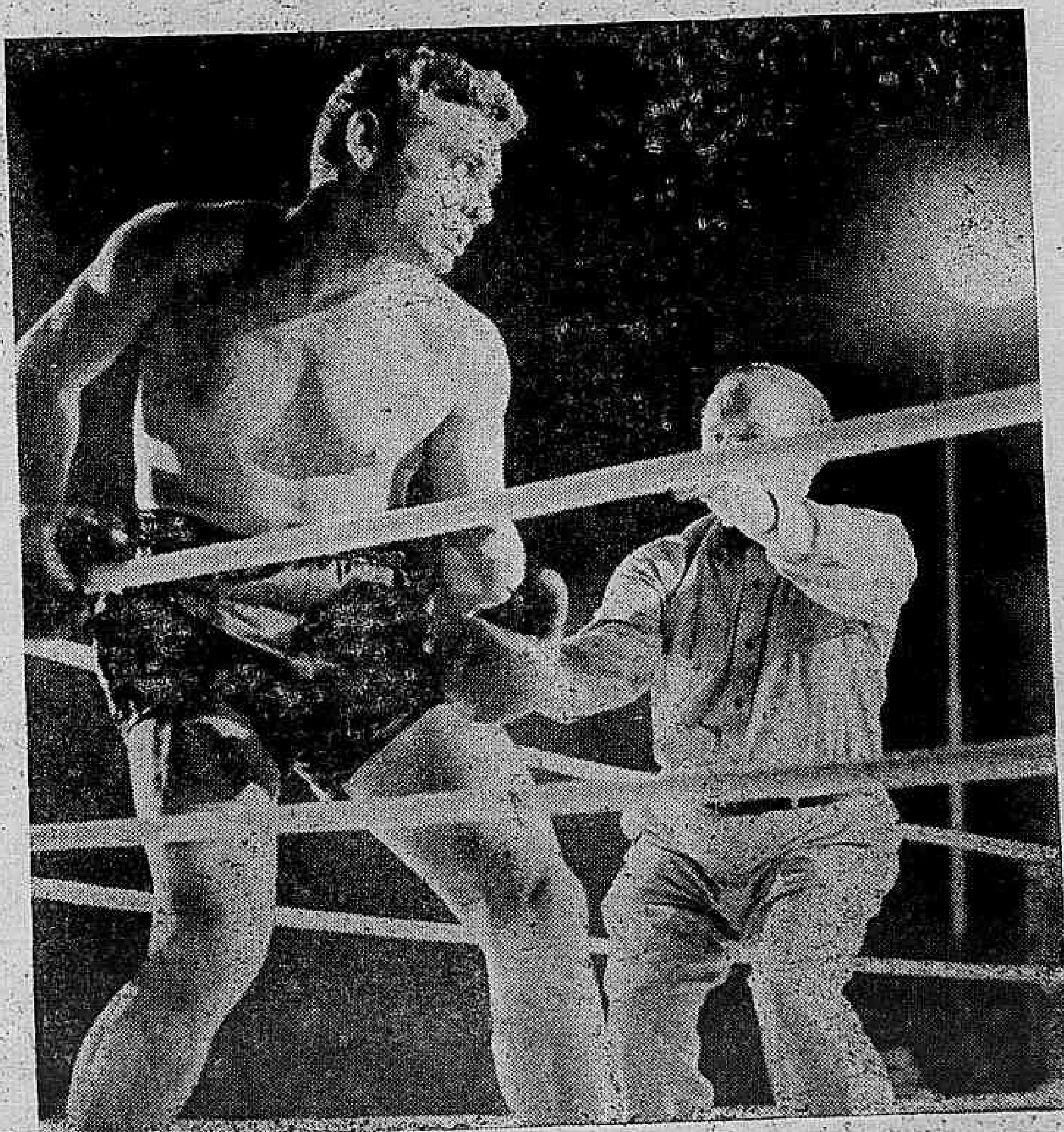
Nascido em Brooklyn, começou sua carreira artística trabalhando no Rádio, na série «Michael Shayne, Detetive», tendo sido também o galã de Eve Arden num programa intitulado «Miss Brooks», antes que os fãs de cinema pudessem descobrí-lo. Seu primeiro filme foi «Festim Diabólico» e, imediatamente sua figura foi notada. Apareceu também num «western» colorido da Fox, ao lado de James Stewart, onde vivia o famoso índio Cochise. A maleabilidade de seu talento ficou evidenciada, pois não tinha preferência para tipos determinados. Veio, pouco depois em «Deportado» ao lado de Alida Valli, saindo-se a contento. E tudo isso lhe serviu para que arrebatasse o coração das fãs, já agora dividido entre Bogart, Garry Grant, e outros veteranos de classe. Jeff já terminou: — «Abandoned», «Sword in the Desert» e «Iron Man». E' casado e tem filhos.

Nos estúdios da U-International, onde está prêso por contrato, Chandler recebe a sua correspondência diária, cujo número de cartas aumenta de filme para filme.





Tendo recebido o «Oscar» como o melhor ator coadjuvante masculino em 50, pelo seu papel de Cochise, em «Flechas de Fogo», volta a ter um papel semelhante em «Bird of Paradise», como o índio Tenga.



Chandler não tem predileção por tipos para viver na tela: um índio, um «gangster», um amoroso, o satisfazem plenamente. Em «Iron Man», êle interpreta um pugilista campeão e a platéia delira com seus murros.

RÁDIO ARQUITETO DO INVISÍVEL

IRIS ALOMAI

Sendo o rádio um veículo de grande potencialidade, é digno de maiores atenções por parte daqueles que nêle trabalham. O homem que produz programas, cuja divulgação alcança todos os limites, peca muitas vêzes pela pequena concepção que faz de sua fôrça de penetração. A palavra transmitida através do eter, desdobra-se e ganha volume no terreno da subjetividade. Sua ação é, muitas vêzes, poderosa, possuindo a facilidade de despertar as mais violentas reações daqueles que a ouvem.

Conhecedor profundo dos mistérios da radiofonia, como deve ser todo aquêle que ousa dirigir-se ao numeroso público que o escuta, o produtor radiofônico deve medir, calcular, avaliar, enfim, o pêso e a densidade de suas produções. Suas atividades não devem limitar-se a encher múltiplas páginas em branco de palavras atiradas ao acaso. Não. Sua atenção deve estar voltada constantemente para o lado simples, mas elevado, da vida. Deve buscar no recesso da alma de cada um, a partícula maravilhosa que se desdobrará triunfante sob a mágica influência de sua vontade. Suas palavras não podem ser vãs, antes, construtivas. O homem que preza seu trabalho se enaltece diante dêle. O produtor radiofônico, criando programas e desenvolvendo temas, é um arquiteto do invisível, pois, constrói na mente do indivíduo, a argamassa que tornará realidade seu sonho ou sua fantasia

Muitas são as deficiências que existem no nosso «broadcasting. Grande número dos que se dirigem para o microfone, mal sabem dizer ao certo o que pensam. Seu pensamento, ainda em formação, torna limitada a sua capacidade de ação. Apesar das idéias curtas de muitos cartazes, êles continuam subindo, subindo sempre no conceito do público, dêsse público que constitui a classe média da maior parte de ouvintes. Aos dirigentes das emissoras cabe a responsabilidade daquilo que será dito ou feito por seus contratados. São êles os únicos responsáveis pelo alcance que terá a sua atuação perante o microfone.

Deve haver uma seleção mais perfeita e mais bem cuidada dos elementos que se dirigem ao público. E' preciso que se lute pela formação de um rádio melhor e mais bem equipado, no que diz respeito aos seus produtores. Existem homens de valor que trabalham no silêncio e na sombra do anonimato pelo engrandecimento dêsse meio de divulgação cultural. Ésses homens lutam na vanguarda, com salários mínimos, constituindo de sacrifícios a sua vida. Existem outros que ostentam títulos e grandes honorários, cuja atuação se limita a assinatura do «ponto». Ésse desequilíbrio de situações é que impede a marcha evolutiva do rádio em nosso país. O homem aqui, não ganha pelo que faz ou merece. mas pelo «golpe» e pela esperteza. Torna-se, pois, necessária a medida de seleção de valores, seleção esta que deve ser realizada de comum acôrdo entre os dirigentes das emissoras. Até quando se limitará o nosso rádio a transmitir apenas programas de auditório a qualquer preço ou sem preço algum, divulgando «coisinhas» que jamais arrancarão da ignorância a classe média que se debate entre o analfabetismo e a presunção? E' preciso que se reconheça que o rádio, uma vez ligado, penetra em todos os recantos. Que existem outras classes de criaturas que também o escutam. Que tôdas elas têm o mesmo direito de procurar algo novo e diferente. E que, também, não se contentarão em receber toneladas e mais toneladas de tolices patrocinadas por muitos cruzeiros pelos produtores dêste ou daquele sabão. O rádio necessita de programas sadios, cuja ação possa trazer ao homem que o escuta, a esperança de que algo continua existindo de nobre e elevado na face da terra. Os ouvintes querem receber coisa nova e não a conversa fiada do Zé Tal, etc. Que se façam programas humorísticos, mas não imorais. Que se façam programas de auditório, mas que não explorem sempre a mesma coisa, estagnando dessa forma a mentalidade em tendência evolutiva do homem. Que se caminhe, mas não para trás. Que os produtores de rádio possam transmitir sempre a palavra que estimula e nunca a que impede o homem de pensar ou agir.

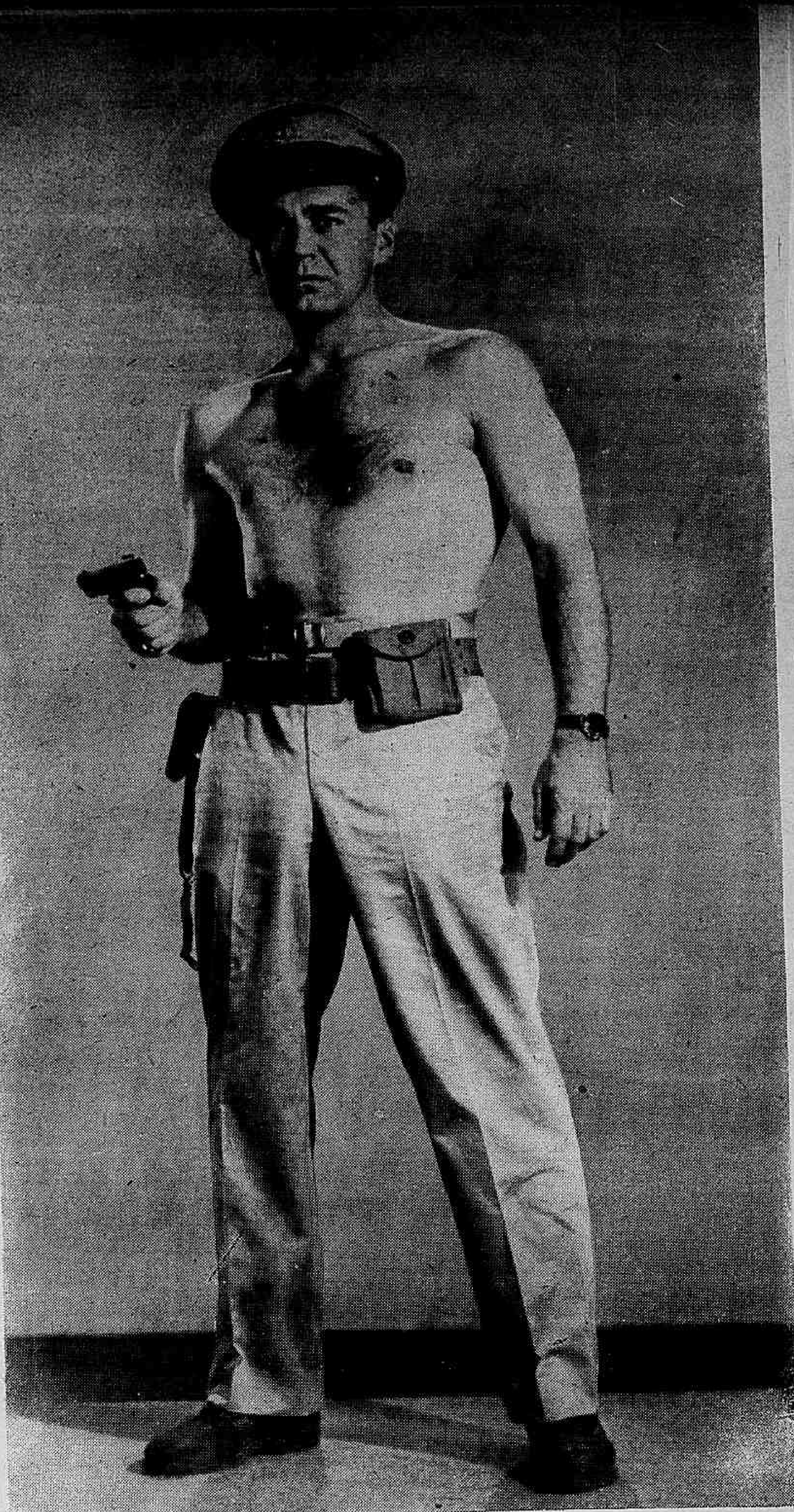
HORA DA DECISÃO

(FIGHTING U.S. COAST GUARD)

PERSONAGENS:

Comandante McFarland	BRIAN DONLEVY
Bill Rourk	FORREST TUCKER
Louise Ryan	ELLA RAINES
Barney Walker	John Russell
Tony Jessup	Richard Jaeckel
Sandy Jessup	William Murphy
Al Prescott	Martin Milner
Red Toon	Steve Brodie
Almirante Ryan	Tom Powers

Produtor Associado, Joseph Kane — Filme da Republic.



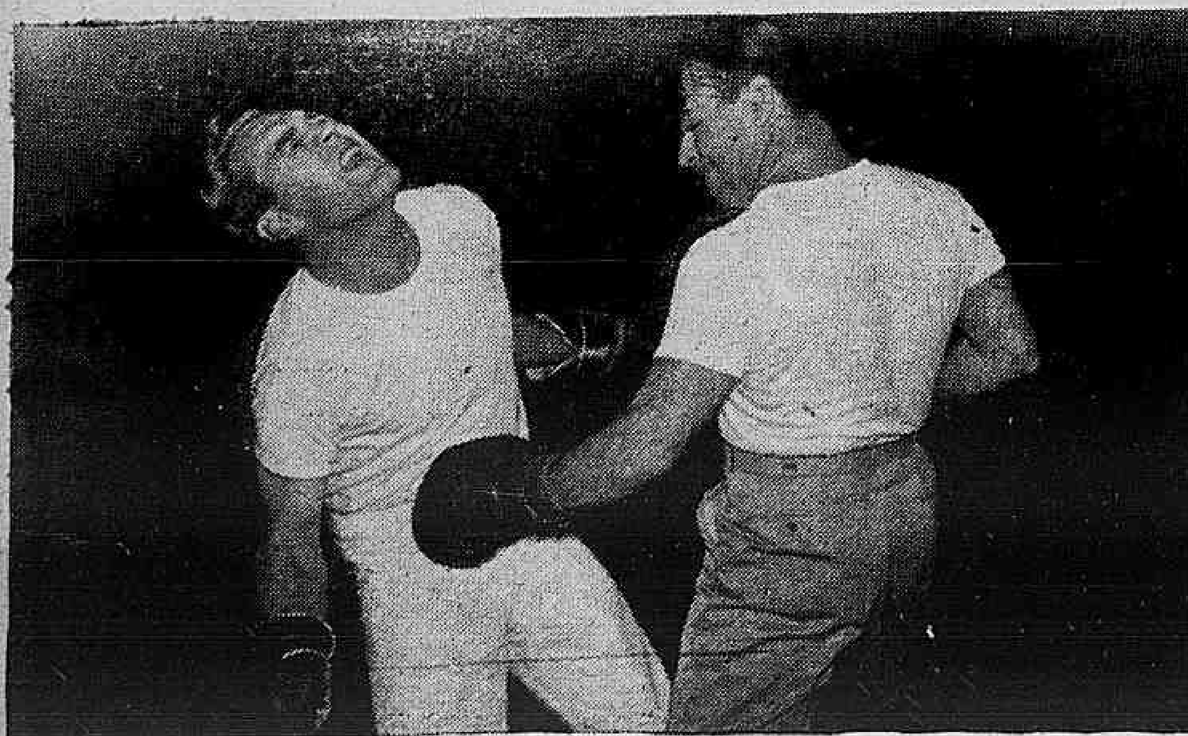
EM novembro de 1941, o serviço de Guarda Costas dos Estados Unidos — que é a mais antiga divisão marítima das fôrças armadas norte-americanas —, encontra-se supervisionando certas atividades nos estaleiros navais. O Japão não havia ainda atacado Pearl Harbour, porém a marinha de guerra, advertida da situação ameaçadora e de grande emergênncia nacional que envolvia o território norte-americano, está apressando a construção de cruzadores que serão, dentro em breve, necessários para a defesa do país.

Bill Rourk, capataz de um dos estaleiros situado na costa da Califórnia, conhece bem o serviço dos guarda-costas, pois havia servido, durante quatro anos, como pilôto em um dos barcos, porém resolveu abandonar êsse pôsto logo que começaram a surgir as primeiras ameaças de guerra. Rourk havia chegado a conclusão de que confôrto e prazeres pessoais eram mais importantes do que patriotismo. Pertencendo ao quadro de trabalhadores da indústria de construções de navios de guerra, êle sabe que estará livre do recrutamento militar. Pouco lhe importa que outros rapazes vão para a guerra e arrisquem suas vidas, o que Rourk quer é permanecer em casa e juntar dinheiro...

Dois fatores, entretanto, contribuem ràpidamente para a mudança de modo de pensar de Rourk. Um dêles é uma jovem chamada Louise Ryan, que é filha do Almirante Ryan e que, possuindo senso de dever patriótico, trabalha como soldadora nos estaleiros. Rourk faz uma declaração de amor à Louise antes de saber que seu pai é um dos homens mais importantes da marinha. Quando toma conhecimento do parentesco e da vida social da moça e descobre também que o Capitão McFarland — que está encarregado pelo serviço de Guarda Costas e pela Marinha de supervisionar o estaleiro para o qual Rourk trabalha — está enamorado dela, Rourk faz-lhe outra declaração só para «bancar» o importante... Uma briga tem lugar entre êle e McFarland quando êste protesta por haver Rourk levado Louise a um cabaré. A briga não chega a tomar proporções [illegible], porém o [illegible] entre os dois homens continua, tendo [illegible] o ponto [illegible] de suas rivalidades.

O [illegible] fator que leva Rourk a ingressar no serviço de Guarda Costas, quando é declarada a guerra com o Japão, é uma mentira pregada a êle por um ex-herói do futebol norte-americano, chamado Barney Walker, que trabalha como soldador no estaleiro. Um ligeiro descuido de Walker quando trabalhava com uma tocha acesa, estabelece um princípio de incêndio a bordo de um navio em construção e êste arrisca a sua vida lutando contra o fogo. Rourk salva a vida de Walker de uma maneira espetacular, porém o repreende, na frente dos demais colegas, por achar que o que êle queria era dar uma exibição. Walker, ressentido e envergonhado por haver falhado ao querer perpetuar a glória que conquistara no gramado, vinga-se de Rourk armando mais intrigas entre êle e McFarland. Quando McFarland, após o ataque à Pearl Harbour pede voluntários para o serviço de Guarda Costas, Walker diz a Rourk que

(Cont. na pág. 30)







A VINGANÇA DOS APACHES

CORRE o ano de 1862. As fôrças da União haviam rechaçado o exército confederado para dentro do Texas, mas um dos destacamentos vencidos, o chefiado pelo Cap. Vance Britten, forma uma cabeça de ponte e ainda molesta o inimigo sediado ao longo da estrada de Santa Fé. A dureza e o inesperado de seus ataques fazem com que a fama do destacamento chegue até Washington que, prevendo dificuldades, destaca o Cel. Britten como chefe do forte legalista que defendia aquêle território. Jeb, ao chegar, arma uma cilada aos rebeldes, mas esta falha e êle é capturado por Vance. Êste é o seu primeiro encontro depois de começada a guerra. A voz do sangue brada mais alto que as idéias políticas e Vance torna possível a fuga do irmão.

McLoud, dono de um pôsto comercial em San Gill, que costuma enganar os índios com bebidas falsificadas e armas defeituosas, incita o govêrno a fazer um acôrdo com os indígenas para massacrar os confederados. Os apaches, descobrindo que McCloud estava fazendo trapaça com êles, matam-no e Vance, chegando ao local, vê nos seus papéis que um Major Riordan foi mandado de Washington para levar avante o trato com os índios. Constatando que êles não só matariam os rebeldes como também todos os brancos da região, resolve engendrar um audacioso plano. Faz seu prisioneiro o Major Riordan e toma-lhe o uniforme. Consegue arrancar do chefe-apache, um ex-general do exército e dos outros dois dirigentes da tribo, Mangas Coloradas e Cochise, a promessa de neutralidade, sob a condição dêle soltar Gerônimo e os assassinos de McCloud, que estão presos em San Gill.

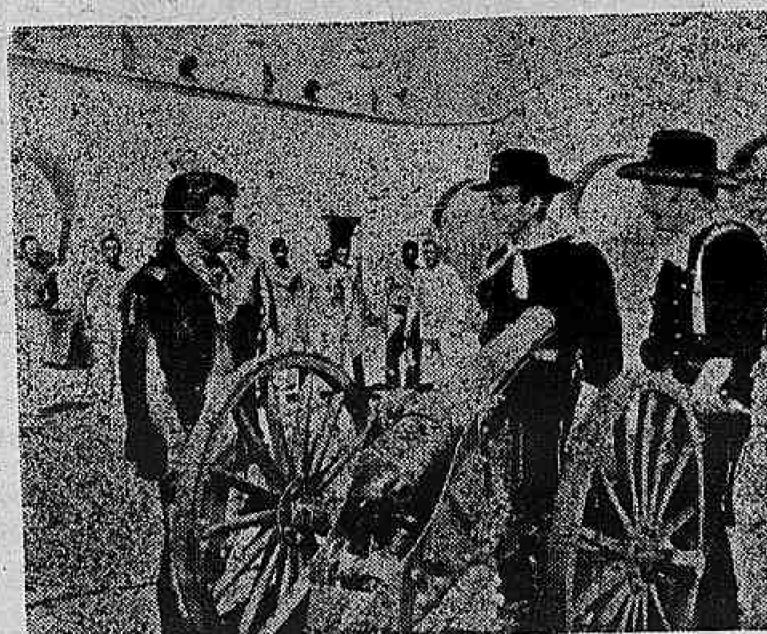
Chegando àquela cidade ainda como o Major Riordan, Vance é aceito pelo Tenente Crosby, comandante do destacamento legalista na cidade. Os obstáculos começam a surgir, primeiro na pessoa da viúva de MacCloud que, há tempos atrás, o amara, quando estavam na Virgínia, mas êle a tinha deixado para entrar nas fôrças do Sul. Apesar de ainda gostar dêle, guarda silêncio sôbre sua identidade. Complicando as coisas, chega, para ajudá-lo, o bageiro do Major Riordan e Vance, para tê-lo ocupado, arranja um comício e o põe a falar... Enquanto isso, intenta fuga dos índios, no que é impedido pela chegada de Jeb. Crosby o desmascara, apesar de seu irmão guardar segrêdo, e êle é obrigado a fugir. Jeb ignora a promessa de Vance de libertar os índios e os selvagens atacam a cidade, só não a devastando mercê da ação de Vance e seu destacamento. Glorificado por todos, êle parte para o Texas, levando consigo o coração de Julie...

★

PERSONAGENS:

Cap. Vance Britten ...	RONALD REAGAN
Cel. Jeb Britten	BRUCE BENNETT
McCloud	JOHN RIDGELY
Tte. Crosby	PETER HANSON
Julie	RHONDA FLEMING

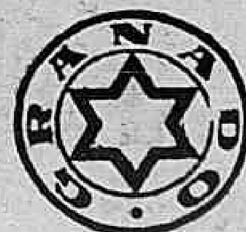
Filme da Paramount











JOÃO FREY

CANDIDATE-SE AO CINEMA BRASILEIRO

TÔDAS as cartas enviadas à nossa redação merecem a mesma consideração e obedecem ao mesmo critério. Convém frizar, no entanto, que quando solicitamos que nos enviem uma OU MAIS fotos o fazemos justamente para que possamos escolher apenas UMA, em benefício do próprio candidato. Todavia, leitores há que nos remetem tôda a sua coleção fotográfica (dez, doze fotos), como se fôsse possível aproveitá-las tôdas. E espaço é limitado e os candidatos crescem dia a dia. Todos serão publicados, indiscutìvelmente — mas apenas uma foto de cada um, ainda que tenhamos de ampliar mais uma vez esta seção. Deixamos bem claro, mais uma vez, que os candidatos podem nos remeter quantas fotos desejarem, mas apenas uma será publicada. E nenhuma delas será devolvida.



FICHA 135 — ANGELO J. ARAÚJO, 16 anos, 1,58 de altura, curso primário, auxiliar de escritório, sem experiência artística, deseja trabalhar no cinema, em qualquer gênero. Reside em Pôrto Alegre.



FICHA 136 — MANOEL JOSÉ DE ARAÚJO RIBEIRO, 20 anos, 1,70 de altura, 61 quilos, 1ª série ginasial, oficial de farmácia, deseja ingressar no cinema, papéis secundários. Reside em Londrina, Paraná.



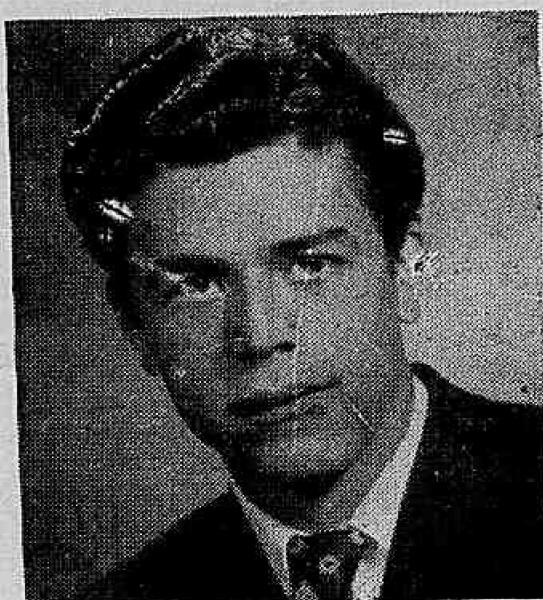
FICHA 137 — DAISY INES FREITAS, 18 anos, 1,49 de altura, 45 quilos, curso científico, correspondente comercial, alguma experiência artística, deseja ingressar no cinema, drama ou comédia. Reside em São Luiz, Maranhão.



FICHA 138 — EVALDO RUI MOREIRA, 18 anos, 1,70 de altura, 64 quilos, curso ginasial, comerciário, experiência de ator e cantor, toca violão, deseja fazer pontas para começar. Reside em Curitiba, Paraná.



FICHA 139 — SÉRGIO BRANT, 30 anos, 1,74 de altura, 64 quilos, curso preparatório, comerciário, curso de piano e canto, deseja fazer um filme sôbre a vida de Chopin. Experiência de pianista. Reside no Rio.



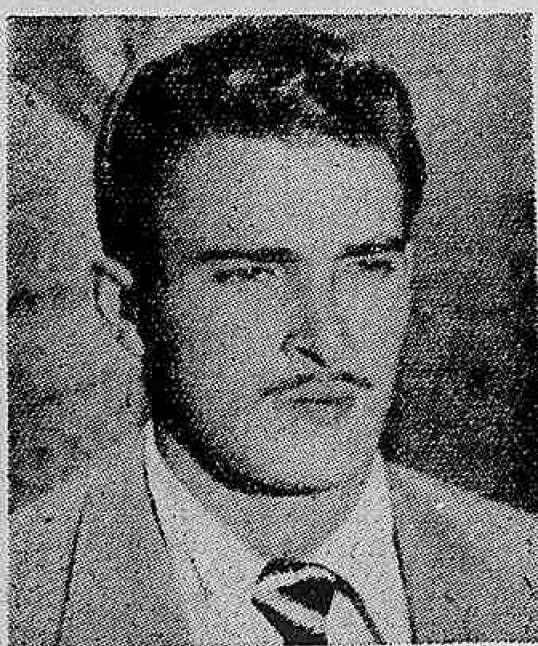
FICHA 140 — JAIR RIBEIRO GODOY, 21 anos, 1,72 de altura, 60 quilos, curso primário, desenhista, sem experiência artística, deseja ser ator cinematográfico. Reside em Ribeirão Prêto, São Paulo.



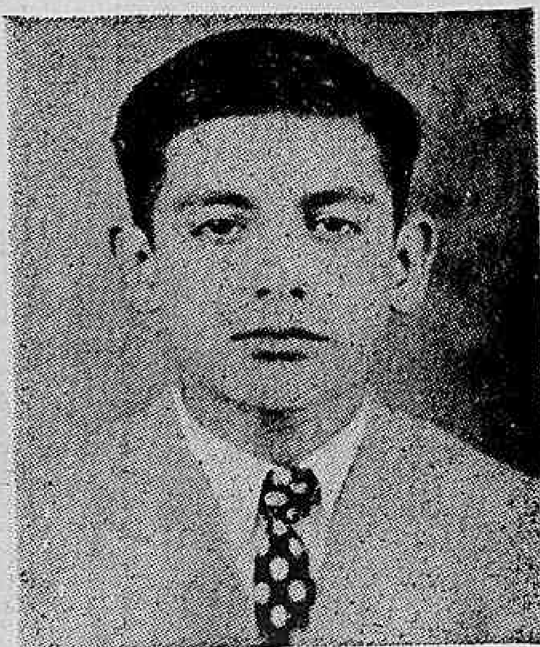
FICHA 141 — MALVINA SPIVAK, 15 anos, 1,62 de altura, 46 quilos, 4º ano ginasial, estudante, experiência de bailado, deseja ser artista de cinema. Reside no Rio de Janeiro.



FICHA 142 — CLEDES MARCOLINO BRIOLI, 34 anos, 1,84 de altura, 61 quilos, curso secundário, representações comerciais, experiência teatro amador, deseja ser ator, gênero revista e romântico. Reside em Belo Horizonte.



FICHA 143 — LÉO RODINO, 29 anos, 1,72 de altura, 60 quilos, curso ginasial, auxiliar de escritório, deseja ser astro do cinema brasileiro. Dança qualquer música popular. Reside em Pôrto Alegre, R. Grande do Sul.



FICHA 144 — CASSIANO AUGUSTO DE ALMEIDA, 14 anos, 1,67 de altura, 55 quilos, curso primário, cortador (?), deseja ser ator. Desde pequeno sua brincadeira preferida era representar. Reside em São Paulo.



FICHA 145 — JOÃO MOREIRA BRITO, 16 anos, 1,61 de altura, curso primário, sem experiência artística, deseja ser ator cinematográfico. Reside em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul.



FICHA 146 — JOSÉ CARNEIRO MAPURUNGA, 17 anos, 1,65 de altura, comerciário, experiência de palco, toca flauta, deseja ser ator de cinema gênero romântico. Reside em Viçosa do Ceará.

FICHÁRIO

Nome ....

Idade ....

Altura ....

Pêso ....

Cursos ....

Profissão ....

Gênero que deseja abraçar ....

Experiência artística ....

Toca algum instrumento? ....

Observações (a critério do candidato) ....

....

COUPON

Assinatura ....

....

Enderêço ....

....

Telefone ....

Cidade ....



FICHA 147 — DORA LUIZA DAVIDSON, 16 anos, 1,62 de altura, 56 quilos, curso ginasial, estudante, sem experiência artística, estuda piano, deseja ser artista em qualquer gênero. Reside em São Paulo.



FICHA 148 — JANE FIORIO, 18 anos, 1,65 de altura, 53 quilos, curso ginasial, comerciária, experiência de teatro, toca bateria, deseja ingressar no cinema, gênero musical. Reside em Pôrto Alegre.



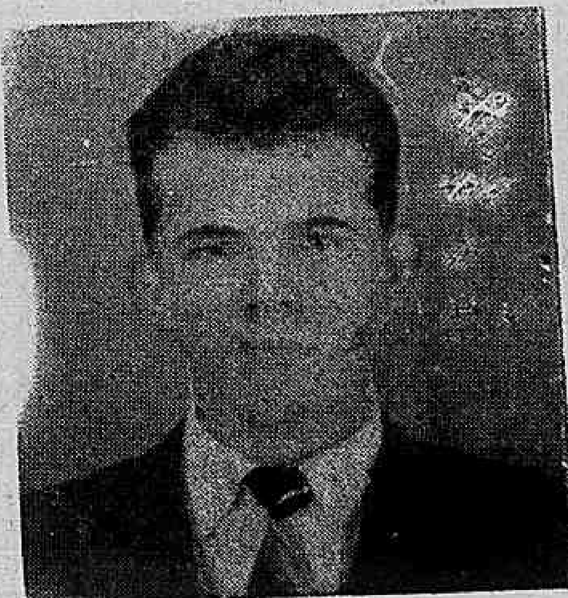
FICHA 149 — BRAZ BUONACURA, 20 anos, 1,75 de altura, 68 quilos, curso comercial, comerciário, sem experiência artística, deseja ser ator cinematográfico. Reside em São Paulo.



FICHA 150 — ALBINO COSTA, 22 anos, 1,70 de altura, 75 quilos, curso ginasial, sem experiência artística, deseja ser ator cinematográfico. Reside em S. Paulo.



FICHA 151 — AURORA DE BARROS, 26 anos, 1,63 de altura, 53 quilos, curso ginasial, experiência de rádio e teatro, deseja ser atriz. Diz que tem vocação, porém com um bom diretor. Reside no Rio.



FICHA 152 — FERNANDO BRAZ CHAVES, 20 anos, 1,71 de altura, 65 quilos, curso secundário, funcionário público, já foi extra de «Quando a Noite Acaba», deseja ser ator romântico. Reside no Rio.

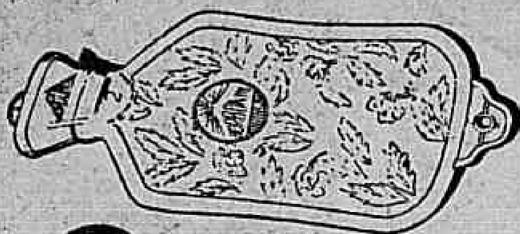


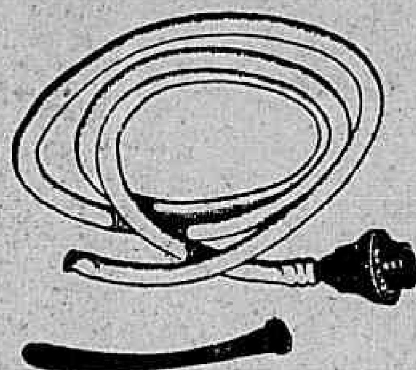
FICHA 153 — JEAN JACQUES PEREIRA, 17 anos, 1,70 de altura, 68 kgr., curso secundário, estudante, diz ter bastante experiência, deseja ser ator, qualquer gênero. Reside no Rio Grande do Sul.

PELO REEMBOLSO POSTAL
PARA TODO O BRASIL

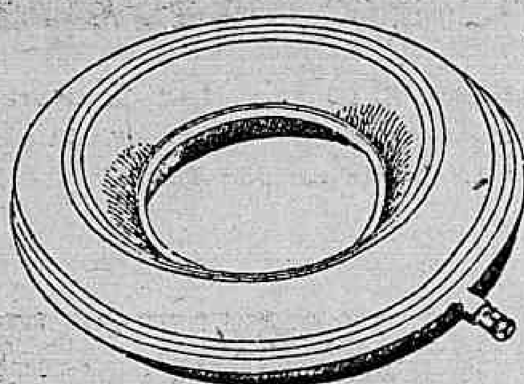
MATERIAL CIRÚRGICO E CLÍNICO EM GERAL

DESPESAS DE PORTE POR CONTA DO CLIENTE.

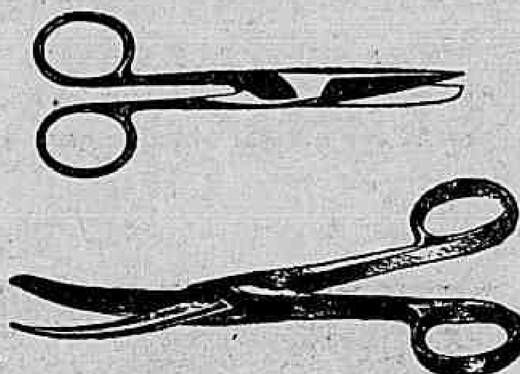




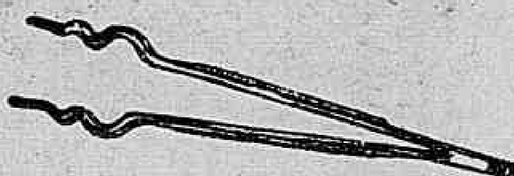
Saco de borracha para água quente, capacidade de 2 litros com tampão de metal simples. — Cr$ 38,00 . — Tubo de borracha, com pertences para irrigador — Cr$ 45,00.



Assento de borracha com válvula, diâmetro de
37 cms. .... Cr$ 68,00
42 cms. .... Cr$ 95,00



7099 — Tesoura cirúrgica reta ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 54,00.
7108 — Tesoura cirúrgica curva ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 58,00.
7115 — Tesoura cirúrgica reta ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 62,00.
7116 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/ 13 cms., nacional, Cr$ 66,00.
7117 — Tesoura cirúrgica reta com 1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 63,00.
7118 — Tesoura cirúrgica curva c/1 ponta fina e 1 ponta romba c/13 cms., nacional, Cr$ 67,00.
7179 — Tesoura cirúrgica reta ponto fina c/10,5 cms. francesa, Cr$ 65,00.
7180 — Tesoura cirúrgica curva ponta fina c/10,5 cms., francesa, Cr$ 72,00.



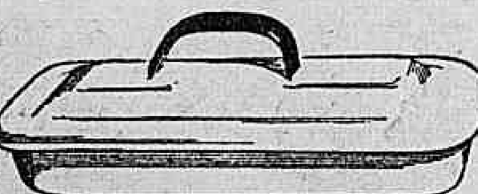
5821 — Pinça para seringa e material esterilizado com 18 cms. Cr$ 25,00



nº 1) — 5811 — Pinça dissecação nacional, com 13 cms., Cr$ 22,80.
nº 2) — 5793 — Pinça hemostática de Kocher nacional, com 13 cms. Cr$ 65,60.



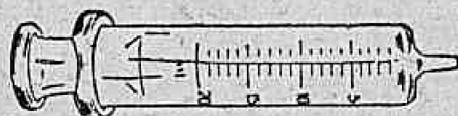
Estôjo metálico niquelado para seringa:
2305 — de 5 cc. .... Cr$ 18,50
2306 — de 10 cc. ...... Cr$ 19,00
2307 — de 20 cc. ....Cr$ 29,00



1745 — Cuba de ferro esmaltado com tampa para material esterilisado 8x12 cms., Cr$ 60,00.



Agulhas de niquel canhão dourado, tipo americano, de: 20x6/10 — 20x7/10 — 25x6/10.
25x7/10 — 25x8x/10 — 30x6/10
30x7/10 — 30x8/10 — 40x7/10
40x8/10 — 50x7/10 — 50x8/10
Cr$ 3,60.



Seringa de fabricação estrangeira de:
6760 — de 3 cc. ...... Cr$ 32,00
6761 — de 5 cc. ...... Cr$ 38,00
6762 — de 10 cc. ..... Cr$ 50,00
6763 — de 20 cc. ..... Cr$ 69,00

IMPORTADORA E EXPORTADORA



LTDA.

Avenida Venezuela, 131 — 10º Andar — Sala 1006-8 — Fone: 23-3977 — Caixa Postal 1864 — RIO

COLUNA DO FÃ

"CAVALCANTI E O INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA"

EIS um nome que se impôs em tôda a linha aos amantes de cinema de todo o universo: ALBERTO CAVALCANTI, nascido no cognominado «país do futuro», o Brasil.

Por muitos anos radicado em solo europeu, primeiramente na França e depois na terra de Jorge VI, a Inglaterra; retornou à sua pátria sòmente para revê-la, isto é: «para matar saudades», comumente falando; porém encontrando-se repentinamente assediado por diretores, técnicos e capitalistas que reclamavam a sua necessária presença no até então mal organizado cinema nacional, resolveu finalmente trabalhar em um estúdio paulista, com êle construindo a VERACRUZ, localizada a poucos minutos de automóvel de São Paulo, em um local denominado São Bernardo do Campo, muito propício para uma indústria cinematográfica.

Notando que os paulistas estavam mesmo levando a sério o negócio da 7ª arte, com ajuda de industriais e edificando um bom estúdio, Cavalcanti não teve outra alternativa senão aceitar e colaborar para o progresso do nosso cinema. Contratou ótimos técnicos europeus e brasileiros, artistas capazes e bons diretores e lançou mãos à obra. Não foram inúteis os seus esforços, pois viu-se règiamente recompensado com as estrondosas vitórias obtidas por «Caiçara» e «Terra, Sempre Terra», tanto em concursos populares, como por festivais estrangeiros ou pela Associação de Cronistas Cinematográficos do Brasil.

Todavia, devido a rusgas até hoje inexplicadas, aconteceu o imprevisto: a sua «Dunquerque» da Veracruz e consequente motivo de receio e comentário de todos brasileiros que desejam ver o seu cinema em franco progresso, pois foi logo tentado por emprêsas cinematográficas européias e latino-americanas, que muito gostariam de obter o prestigioso concurso de tão famoso cineasta. As filmagens de «Angela», com Eliane Lage, Marisa Prado, Mário Sérgio, Alberto Ruschell e Abílio Pereira de Almeida em terras gaúchas foram o ponto final de sua estada na Veracruz.

Não podendo conformar-se com aquela irritante situação, homens do cinema e do teatro, das letras e da vida pública, jornalistas e pessoas influentes, apelaram para a boa vontade do grande cineasta, a fim de que não nos abandonasse, no momento crítico em que a nossa sétima arte dava os seus passos definitivos e seguros para a perfeição e maturidade.

Outra vez mais, accedeu aos inúmeros apelos provenientes de todos os rincões do Brasil: encontrando em seguida o apoio de alguém que compreendeu o verdadeiro valor de um bom cinema, um cinema que o seria de propaganda nossa para o mundo, ensinando de maneira agradável os costumes, os hábitos e a arte do povo brasileiro: o Presidente Getúlio Dornelles Vargas.

Conferenciou êle com Cavalcanti e decidiu fornecer em quanto fôsse possível a sua preciosa ajuda e estímulo à criação de uma organização que de há muito estávamos necessitados: o já falado INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA.

Para o progresso do nascente cinema pátrio, Cavalcanti ficou. Em pouco tempo de Brasil, observou êle mais dificuldades do que em muitos anos de Europa, porém com extrema paciência e confiança no futuro não desistiu, apelando por fim para o nosso govêrno, que felizmente o ouviu. Se fôsse outra pessoa menos persistente, estaria a estas horas filmando em algum estúdio de Paris, Londres ou Buenos Aires, mas Cavalcanti não, porque além de patriota, é êle um indivíduo muito teimoso, como já disse certa vez David Nasser em uma de suas reportagens.

Obteve Cavalcanti o auxílio do govêrno por intermédio do Banco do Brasil para a fundação de uma emprêsa cinematográfica a ser denominada Brasil Filmes e localizada no Distrito Federal ou talvez em Terezópolis, cidade perfeita para a organização de um campo cinematográfico, tanto por seu clima aprazível como por sua proximidade da capital brasileira e de outros centros.

Do capital destinado à fundação da citada companhia, 60% será proveniente do govêrno e os restantes 40%, particular. Contará então Cavalcanti com a eficiente ajuda de técnicos e artistas estrangeiros, como Yves Allegret, Gérard Philipe, Alberto Lattuada e muitos outros de inconteste capacidade. O primeiro filme da nóvel produtora será provàvelmente «O Canto do Mar» com o jovem ator brasileiro Fernando Pereira, que teremos oportunidade de ver em «Hóspede de uma Noite» e «A Beleza do Diabo», realizados no Rio.

Filmes coloridos constarão do repertório da Brasil Filmes, que pretende filmar várias produções em mente como: «As Doutoras», «Santos Dumont», «Os Sertões», «A Retirada da Laguna», «A Vida do Aleijadinho», «Calunga», «Fogo Morto» e «Amazônia Misteriosa», feitas com arte e sentimento, só isto podemos esperar de um homem como Alberto Cavalcanti.

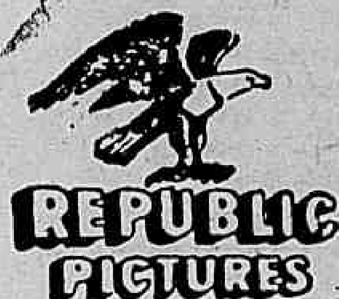
Nunca se falou tanto de cinema no Brasil, como agora com a criação do Instituto Nacional de Cinema. Êle fará a distribuição ordenada de nossos filmes, aumentará a sua obrigatoriedade e não permitirá o abuso de certas emprêsas de cinema que burlam de maneira vergonhosa a lei de obrigatoriedade em contrastes com outras, como a de propriedade do sr. Luís Severiano Ribeiro, que exibe filmes brasileiros em número maior do que o taxado pela citada lei. Produzirá filmes documentários de grande valor educativo e cultural e fará a propaganda de todos os filmes brasileiros, protegendo-os em tudo que estiver ao seu alcance. Será enfim de grande utilidade para o nosso cinema, assim como os congêneres da Itália, Argentina ou França o são para as suas respectivas pátrias.

O maior perigo para o I.N.C. se afigura a odiosa burocracia, que não perderá tempo para tentar transformá-lo em mais um simples ministério, com um mundo de preguiçosos vivendo às custas do dinheiro público; preciso e urgente é, portanto, tomar um extremo cuidado com a intromissão naquêle órgão de pessoas desejosas de ocupar um convenientíssimo (para os seus bolsos) cargo público, prejudicando terrivelmente o nosso cinema. Elas certamente não faltarão, pois existem às centenas, porém se o govêrno deixar tudo nas mãos de Cavalcanti e seus auxiliares, sa-

(Cont. na pág. 30)

AGUARDEM NA PRÓXIMA SEMANA!

HERBERT J. YATES *Apresenta*



PAIXÃO de TOUREIRO

"Bullfighter and the Lady,"

ROBERT STACK · JOY PAGE · GILBERT ROLAND

VIRGINIA GREY · JOHN HUBBARD · KATY JURADO



Produção de JOHN WAYNE
Direção de BUD BOETICHER





UMA EPOPÉIA DE PAIXÕES EM CONFLITO, EM MEIO A SOBRESSALTOS QUE EMOCIONAM AS MULTIDÕES!



VITORIA
FONE: 42.9020

AMERICA
FONE: 48.4519

FLORIANO
FONE: 43.9074

IPANEMA
FONE: 47.3806

SÃO PEDRO
★ PENHA ★

IRIS
FONE: 42.6763

MEM DE SA
FONE: 42-2232

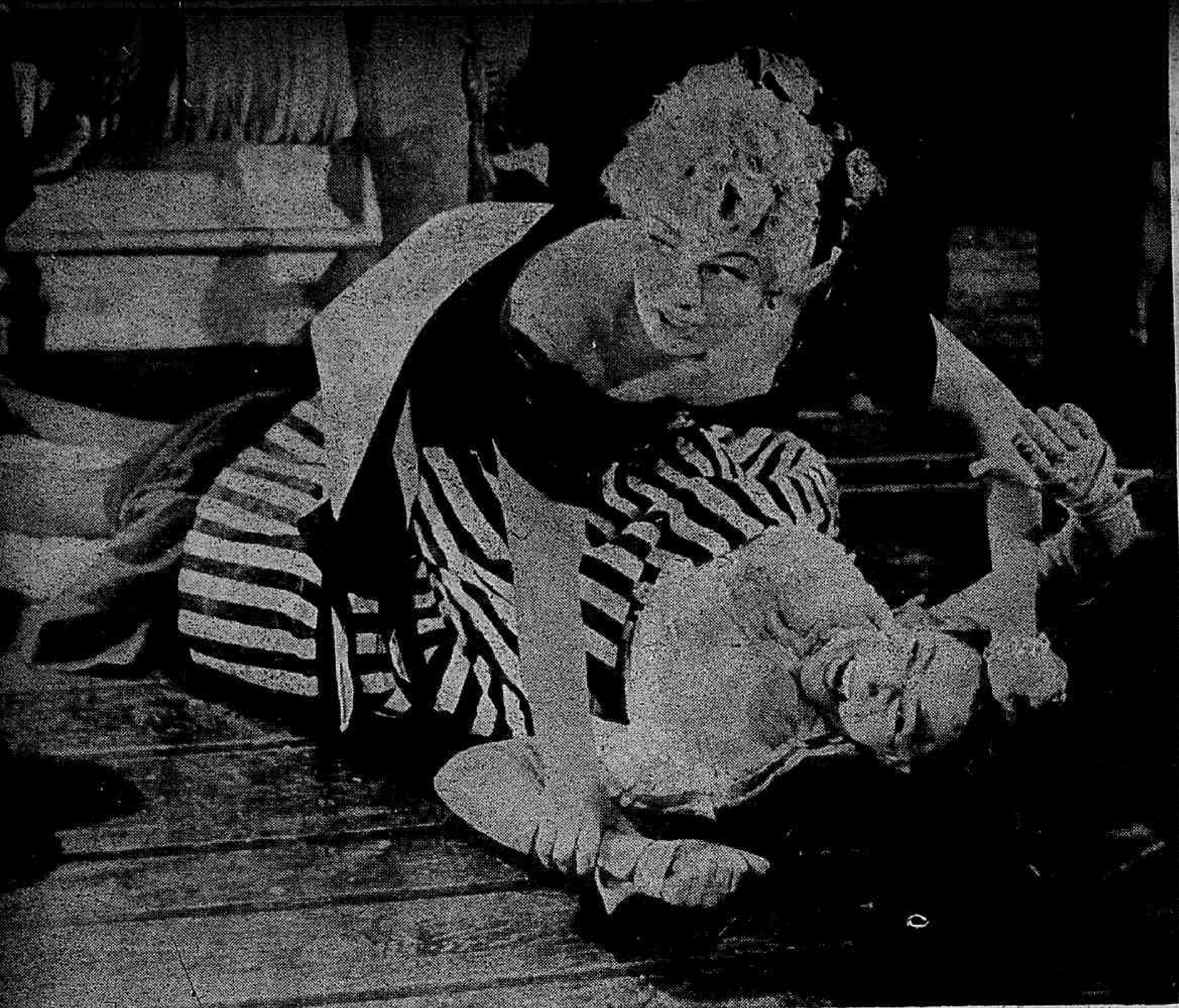
MADUREIRA
FONE: 29.8733

ROSARIO
★ RAMOS ★

PALACE-NITEROI
FONE: 6285

CAPITOLIO
PETROPOLIS

COMPLEMENTOS NACIONAIS



ANJO DE VINGANÇA

DEPOIS de se certificarem que seus disparos ficaram no ar, os dois misteriosos cavaleiros deram uma volta e se perderam atrás de uma nuvem de pó. No longinquo Oeste, um moribundo teve apenas fôrças para estender à sua filhinha uma pequena bôlsa de pele com seus parcos haveres e fê-la abandonar o lugar à cavalo.

Passaram-se anos. Certo dia uma carruagem parava em Bottleneck e dela se apearam duas mulheres, uma era Frenchie Fontaine (Shelley Winters), uma loura cheia de vida, a outra a Condêssa (Elsa Lanchester), de formas exuberantes e com ares de mandona. Frenchie trazia em seu intimo o desejo fervoroso de vingar a morte de seu pai. Ela ainda se lembrava de um dos assassinos, restava-lhe agora descobrir o parceiro dêste. A primeira coisa que fêz foi adquirir o "cabaret" "Anjo Rubro", embora o banqueiro Clyde Gorman tudo fizesse para que ela não se metêsse em semelhante negócio, pois o dinheiro empregado não iria render-lhe lucros, considerando que o lugarejo era muito sossegado, tendo para tanto trabalhado o delegado Tom Banning.

Frenchie manda vir de Nova Orleans suas amigas acompanhadas de Lance Cole (John Russell), o qual por sua vez estava apaixonado por Frenchie. Pete Lambert (Paul Kelly), um dos assassinos, dono de um salão de jôgo, denominado "Ficha Azul" e situado nas redondezas de Chuckaluk, logo que soube da chegada das raparigas, de revólver em punho, pôs a cidade em polvorosa, atirando à torto e à direito, querendo assim amedrontar as recém-chegadas. Da diligência, entretanto, descia um rapaz alinhado, de porte másculo, que não era outro senão Tom Banning (Joel McCrea), o novo delegado, e graças a quem os planos de Pete foram por águas abaixo.

Durante uma de suas solitárias visitas ao túmulo de seu pai, Frenchie se encontrou com o delegado, estava ela de semblante triste olhando a sepultura daquele que fôra seu conselheiro e amigo, o autor de sua vida. Ambos sentiram uma atração mútua quando Frenchie soube que êle havia sido abandonado pela espôsa havia 3 anos, a qual assim procedera para se casar com Clyde.

Frenchie não mede esforços para descobrir o comparsa do assassino de seu pai, chegando até a propor a Lambert uma sociedade para a exploração do negócio, "cabaret" e cassino, mas Pete, muito astuto, fugiu ao encontro, escondendo-se em sua casa.

Diana Gorman, sentindo renascer em seu coração o amor por Banning e sem medir as consequências, confessou-lhe o fracasso de seu casamento com Clyde, dando-lhe nessa ocasião um beijo. Mas havia escolhido um momento desastroso, pois o banqueiro percebeu o que estava fazendo e guardou o incidente na memória para uso posterior.

O jôgo e as mulheres campeavam livremente em Bottleneck, enquanto que a Ficha Azul estava na iminência de falência, pois o negócio do "Anjo Rubro" florescia a olhos vistos. Lambert, forçado pelas circunstâncias foi visitar Frenchie, querendo então aceitar a proposta que ela fizera anteriormente. Enganado pelas aparências, correu êle a informar Gorman sôbre o que estava acontecendo com sua espôsa e o outro. Diana, porém, contou a Frenchie as verdadeiras intenções de Pete, certa de que a aventureira assim abandonaria o lugar, mas assim também deu a entender a Frenchie o receio que tinha dela com Banning.

As duas mulheres se engalfinham que nem duas leoas, travando uma luta feroz de corpo a corpo, tombando no chão, ferindo-se bastante, tudo diante de uma assistência numerosa e muito interessada no desfecho da briga. Usando de uma fôrça sobrenatural, o delegado consegue apartar as duas mulheres. Nenhuma delas, embora apresentassem um estado lastimoso, se deu por vencida. Ambas continuaram nutrindo o mais feroz rancor pela outra.

Gorman, por sua vez, aproveitou-se da cena entre sua espôsa e o delegado, procurando tirar-lhe a vida sob o pretexto de que fôra êle quem destruira a paz do lugar. Mas um certeiro tiro disparado por Frenchie na hora H

(Cont. na pág. 30)

«FRENCHIE»

Elenco:

Tom Banning .. Joel McCrea
Frenchie Fontaine .... Shelley Winters
Pete Lambert .. Paul Kelly
A Condessa .... Elsa Lanchester
Lance Cole ..... John Russell
Clyde Gorman .. John Emery
Dian Gorman .. Marie Windsor

Argumento de Oscar Brodney — Produção de Michel Kraike — Tecnicolor da U-International — Direção de Louis King.



Já está á venda!



O ÁLBUM Nº. 3
DE "A CENA MUDA" PARA 1951

PREÇO Cr$ 25,00

Contendo:

DEZENAS DE FOTOGRAFIAS
em côres e numa só côr.

DEZENAS DE BIOGRAFIAS
dos mais famosos astros da atualidade.

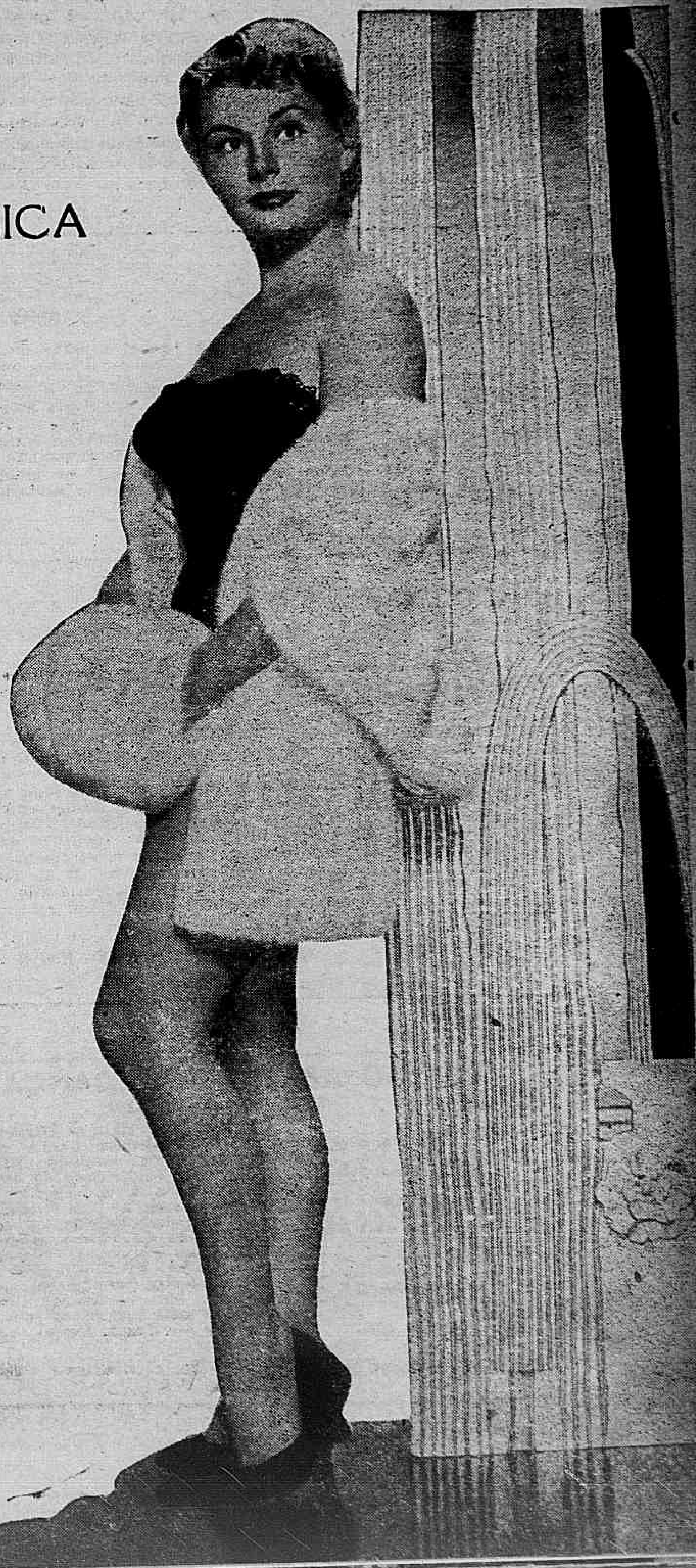
CINEMA ★ RÁDIO ★ TEATRO ★ MÚSICA

E MAIS:

4 ARTIGOS
★ O PÚBLICO QUER FILMES CEREBRAIS (**Gino Palmisano**)
★ CINEMA ARGENTINO (**Edmundo Lys**)
★ IMPORTÂNCIA DO CAMERAMAN (**Salvyano Cavalcanti de Paiva**)
★ A EVOLUÇÃO DO TEATRO CEGO (**Armando Migueis**)

4 PÁGINAS DE BOM HUMOR
(**Leon Eliachar**)
★ VIDA E MORTE DE UMA ARTISTA
★ A MULHER FATAL
★ A SECRETÁRIA
★ DEFINIÇÕES
★ ARGUMENTO PARA UM FILME FRANCÊS
★ ARGUMENTO PARA UM FILME ITALIANO
★ ARGUMENTO PARA UM FILME AMERICANO
★ ADAPTAÇÃO
★ FRASES CÉLEBRES

AS FOTOS QUE NINGUÉM OUSOU PUBLICAR
(nas páginas 31, 32, 33 e 34)





— Finalmente eu posso declarar, meu amor!
— Diga, querido!
— Já saiu o «Álbum de A CENA DE 1951»!

Se não encontrar no jornaleiro da sua cidade, peça pelo **REEMBÔLSO POSTAL** ou mediante **VALE DO CORREIO**

CIA. EDITÔRA AMERICANA
Maranguape, 15
Rio de Janeiro

NAS BANCAS DE JORNAIS DO RIO E DOS ESTADOS

A INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA...

(Cont. da pág. 5)

organismo fornece regularmente com relação aos regulamentos alfandegários e tributários tem permitido aos produtores cinematográficos estrangeiros economizar muito tempo.

Durante o primeiro ano de existência do órgão consultivo, 47 produtores cinematográficos de 19 países, ou seus representantes, estiveram em Nova York para estudar o caráter e o escôpo do serviço. Daquele total, 29 produtores procederam da Itália e da França. A preponderância da participação dêsses dois países foi atribuida ao fato de os produtores italianos e franceses já estarem obtendo benefícios comerciais tangíveis através das atividades do órgão consultivo.

Entre os outros países que enviaram emissários para realizar cònsultas com o órgão consultivo se incluem o México, Canadá, Austria, Suécia, Dinamarca, Noruega, Inglaterra, Irlanda, Alemanha, Suiça, Egito, Israel, Turquia, Índia e Tailândia. Além das visitas pessoais, o órgão consultivo recebeu, durante seus primeiro ano de existência, 22 mensagens de produtores cinematográficos de 11 países estrangeiros, solicitando pormenores e informações sôbre o programa de assistência.

As funções do órgão consultivo não têm apenas propósito altruístico. As autoridades da Associação Cinematográfica da América acentuam que o incremento da exibição de filmes estrangeiros nos Estados Unidos pode auxiliar, de muitas maneiras, a indústria cinematográfica norte-americana. Contudo, o órgão consultivo tem sido mais do que aplaudido por outra razão. Incomum no terreno do comércio internacional, exemplifica êle o que pode ser feito em favor da boa vontade entre as nações através dos canais comerciais.

NOTICIÁRIO

(Cont. da pág. 33)

ouvir, interpretou, para fechar a primeira parte do concêrto, os «Requiebros», de Granados, onde suas qualidades, uma vez mais operam maravilhas. Obteve um sucesso de público bem merecido».

ARNOLD SCHOENBERG — Faleceu em Santa Mônica, Califórnia, o compositor Arnold Schoenberg, com a idade de 74 anos. Nascido em Viena, Schoenberg, por motivos políticos emigrou para os Estados Unidos, onde por longos anos desempenhou o cargo de professor da Universidade da Califórnia. As composições de Schoenberg, caracterisavam-se pela inspiração moderna e original que lhe emprestava o compositor.

COLUNA DO FÃ

(Cont. da pág. 26)

berão êles a maneira de livrar-se dêsses «impecilhos humanos», porque não se admite que o Brasil sofra e se veja prejudicado por causa de elementos ociosos e incapazes de mover uma mão sequer pelo progresso do país.

Em grande parte está nas mãos de Alberto Cavalcanti e do seu Instituto Nacional de Cinema o destino do florescente cinema brasileiro.

Não podemos absolutamente duvidar da habilidade e espírito de ação de um homem que já fêz tanto, que tantas vitórias colheu, dando contundentes provas de seu extraordinário valor.

Constituem, êle e seus filmes, o marco divisório entre o deficiente e o bom cinema nacional; estando pràticamente imortalizado na história do nosso e do cinema mundial. E' êle merecedor de tôda nossa confiança e apoio nele depositados, sendo naturalmente as palmas do público e da crítica a sua maior recompensa para tantos anos de atividade artística.

CARLOS ALBERTO CONRADO — Rio.

COMO APRENDER A DANÇAR
4ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e livrarias e Casas de Música de São Paulo.

HORA DA DECISÃO

(Cont. da pág. 22)

McFarland está tentando obter a sua convocação para o exército. Conhecendo o prestígio que McFarland desfruta entre os chefes, Rourk, para não ser obrigado a servir no exército, alista-se entre os Guarda Costas e vai para um campo de treinamento de oficiais.

Outra mentira pregada por Walker, entretanto vem a custar a Rourk um cobiçado pôsto superior, levando-o à 2ª Guerra Mundial no seu antigo lugar de pilôto, enquanto seus colegas do campo de treinamento de oficiais conseguem suas promoções. McFarland tenta em vão obter a decisão da banca examinadora composta de membros do govêrno a favor de Rourk, porém êstes são extremamente severos e recusam-se a aceitar a opinião de McFarland de que Rourk deve ser considerado oficial superior do corpo de Guarda Costas.

Rourk sente-se profundamente chocado e nutre um secreto desejo de vingança devido a injustiça de que fôra vítima pelos membros da banca, porém a sua coragem e audácia natural o levam a praticar atos de heroísmo e sacrifício próprio no sul do Pacífico. Quando Rourk regressa à pátria, é promovido de pôsto, recebe as desculpas da banca que o havia erroneamente julgado e, com a ajuda de McFarland, leva o seu romance com Louise, a uma vitoriosa conclusão: o casamento!

ANJO DE . . .

(Cont. da pág. 28)

arrebatou de suas mãos a arma que empunhava. Naquele mesmo dia, Gorman era assassinado. Frenchie tinha suas suspeitas, achava que o autor dessa morte tivesse sido Lance, acontece, porém, que Banning foi acusado, já que em seu revólver faltava uma bala.

Na escuridão da noite, dois homens, a mando de Frenchie, libertam Banning. Chegara uma carta de Dodge City explicando a associação de Lambert e Gorman, como sendo os dois criminosos que Frenchie procurava, levando tudo isto a suspeita em Tom de que ela fugira para acusá-lo como culpado. Estava êle agora mais convencido do que nunca de que fôra ela quem matara o banqueiro.

Um cavaleiro salta de sua sela e avisa a Banning que um bando se preparava para assaltar o "cabaret" "Anjo Rubro". O delegado saiu incontinente, a fim de evitar tamanha desgraça.

Durante a luta, Diana Gorman, a qual juntamente com outras pessoas estava escondida numa igreja, ao ver que Lambert havia exgotado tôdas as munições de seus inimigos, e prevendo o assalto, temendo a morte de Banning, resolveu sair do esconderijo e, em voz alta, culpou-se a si mesma do assassinio.

Um dos componentes do grupo pôs fim à sua existência. Enraivecidos, os vizinhos dos povoados se aliaram à causa de Frenchie, enquanto Lambert fugia para Chuckaluk, seguido pelo delegado, e acabou morrendo dentro de seu cassino "A Ficha Azul".

No meio da confusão que se estabeleceu, Frenchie, por sua vez, conseguiu fugir, seguida por um bando de homens armados. Foi prêsa e encerrada na prisão, mas Banning veio salvá-la, carregando-a em seus braços para a paz de um doce lar.

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
BELEZA E VIGOR DOS CABELOS
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer

ESTADOS UNIDOS

(Cont. da pág. 17)

sua produção nova de longa metragem, «Alice no País das Maravilhas», a qual será lançada pela RKO-Radio aproximadamente no mês de agôsto. Êsses personagens aparecem individualmente, ou em grupos, com a heroína da história, a doce Alice, quase em tôdas as cenas do filme. Na produção dessa película em tecnicolor, baseada na conhecida história de Lewis Carroll, tomaram parte quatrocentos desenhistas dos Estúdios de Walt Disney. Acredita-se que «Alice no País das Maravilhas» venha a ser uma das pedras angulares em que se fundará a fama permanente do grande artista dos desenhos animados, marcando, ao mesmo tempo, uma nova etapa na história do cinema.

A BELEZA DOS SEIOS
BÉL-HORMON
Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados mediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Melodias para você

MÚSICA BRASILEIRA

MEU SABIÁ

Samba de Arno Carnegal e W. Goulart. — Gravado por Risadinha

I

Moro na roça meu bem
Nunca morei na cidade
Compro o jornal da manhã } *Bis*
Pra saber da novidade

II

Melhor lugar
Não há... Não há
Pra se morar
Não há... Não há
De manhã cedo
Pra trabalhar
Quem me desperta... amor
E' o meu sabiá.

★

VEM AMOR

Fox de Nelson Gonçalves e Paulo Tapajós. — Gravado por Nelson Gonçalves

Vem!
Que importa o grande mal
Que me fizeste um dia
Se ainda te quero
Com devoção
Vem!
A vida é sempre igual
Tudo é melancolia
Vem que eu te espero
Meu coração!

Vem, amor,
Por favor,
Quero te sentir
Vem acalmar
Meu penar
Meu peito vive a repetir
Vem!
Oh vem!
Vamos recomeçar
Reconstruir depois
Um novo lar,
Só p'rá nós dois.

★

OLHA P'RO CÉU

Marcha-Junina de Luis Gonzaga e José Fernandes. — Gravado por Luis Gonzaga

Olha p'ro céu, meu amor
Vê como êle está lindo
Olha p'raquele balão multicor
Como no céu vai sumindo.

Foi numa noite
Igual a esta
Que tu me deste
O coração.
O céu estava
Assim em festa
Porque era noite
De São João.
Havia balões no ar
Xóti e baião no salão
E no terreiro o teu olhar
Que incendiou meu coração.

★

MÚSICA ARGENTINA

SENTIMIENTO GAUCHO

(Tango Canción)

Autores: J. A. Carusso y F. R. Canaro. — Francisco Canaro y su Orquesta Tipica. Canta: Nelly Omar

I

En un viejo almacén del Paseo Colón,
donde van los que tienen perdida la fe,
todo sucio, harapiento, una tarde encontré
a un borracho sentado en oscuro rincón;
al mirarlo sentí una profunda emoción,
porque en su alma un dolor secreto adiviné
y sentándome cerca a su lado, le hablé,
y él entonces me hizo esta fiel confesión,
ponga amigo atención.

II

Sabe que es condición de varón el sufrir,
la mujer que yo queria con todo mi corazón
se me ha ido con un hombre que la supo seducir
y aunque al irse mi alegria tras de ella se llevó:
no quisiera nunca verla, que en la vida sea feliz
con el hombre que la tiene para sua bien o...
[qué sé yo...
porque todo aquel amor que por ella yo senti
lo cortó de un solo tajo con el filo de su traición.

I (bis)

Pero inútil, no puedo, aunque quiera olvidar
el recuerdo de la que fué mi único amor,
para ella há de ser como el trébol de olor
que perfuma al que la vida le va arrancar.
Y si acaso algún dia quisiera volver
a mi lado otra vez, yo la he de perdonar,
si por celos un hombre a otro puede matar.
se perdona cuando habla muy fuerte el querer
a cualquiera mujer.

O CARTAZ DO MOMENTO



DIRCINHA BATISTA

AMÔ DE RÊDE

Baião de Manèzinho Araújo e Fernando Lôbo. — Gravação de Dircinha Batista

Vou armá a minha rêde
Onde corra a viração
Ventinho bão...
Ai, moreno, vem dispois
Na rêde qui dorme um
Ôi bem pode durmi os dois.

Rêde vai... rêde vem
Se dá eu dá tu também
Rêde vai... rêde vem
Amô de rêde é bom, meu bem.

Quem quisé amô perfeito
Ponha gancho na parede
Cum seu bem arranje um jeito
Durma os dois na mesma rêde

Rêde vai... rêde vem
Se dá eu dá tu também
Rêde vai... rêde vem
Amô de rêde é bom, meu bem.

MÚSICA MEXICANA

AY DE MI

Bolero de Osvaldo Farrés. — Gravação de Ruy Rey

Ay de mi
Si no me quieres
Ay de mi
Si me abandonas
Yo seré
Como una hoja suelta
En el vaiven
De mi tormento
Sufriré
Si no me quieres
Sufriré
Y habrá en mi alma
Un grand dolor
Y a ti tan solo culparé
Mi amor
Toda la vida.

Ayer me dijiste
Que tu me querias
Y hoy te pregunto
Y me dices talvez
Pero
Ay de mi
Si no me quieres
Ay de mi
Si me abandonas
Yo seré
Como una hoja suelta
En el vaiven
De mi tormento.

A PEDIDOS

MARIA LA-Ô

BOLERO

ERNESTO LECUENA

Mulata infeliz tu vida acabó
de risa y guarachas se ha roto el
[bangó
que oias ayer temblando de amor
y con ilusión junto a un hombre
[cruel
su amor ya se fué de mi corazón
que hoy le aborrece porque mi
[pasión
que hirió traicion
ya tan solo es sed
de verle alfin tendido a mis pies...

Maria la-ô, ya no mas cantar...
Maria la-ô, a hora és de llorar
y de recordar el tiempo feliz
de tus besos que fulgaz ya voltó...
Maria la-ô, todo se acabó...
Maria la-ô, tu amor ya se fué
y jamás él volverá...
Maria la-ô suena em morir...

Fichário Cinematográfico

FRANKIE

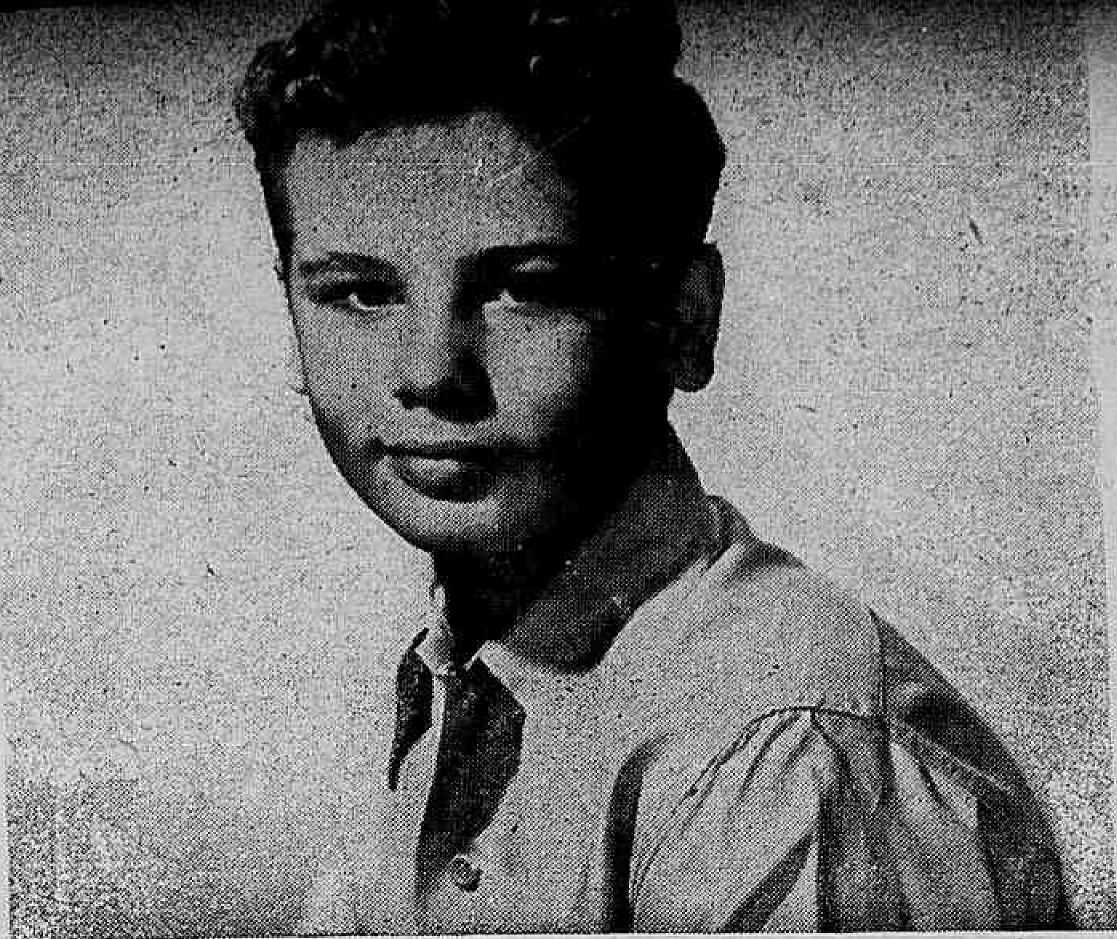


DEBORAH KERR

Nasceu em Hellensburg, Escócia, num dia 30 de setembro. Aos 14 anos sua família levou-a para Alfold, Sussex, onde ela fêz seus estudos na Northumberland House. Logo após sua graduação, entrou para a famosa «Sadlers Wells School», onde fêz progressos notáveis como dançarina. Aos 18 anos transferiu-se para Londres, onde, por intermédio de um amigo, conseguiu um pequeno papel numa peça que estava sendo representada num dos teatros de Regent Park. Um produtor, que estava assistindo à representação, impressionou-se com seu tipo e convidou-a para trabalhar no cinema. Fêz sua estréia nas telas em «Major Barbara», que iniciou de maneira auspiciosa sua carreira cinematográfica. Depois de vários filmes de sucesso, foi contratada pela Metro, aparecendo então em «Longe dos Olhos», «Mercador de Ilusões», «Meu Filho», «Inverno D'alma», «Crê em Mim, Amor», que será seu próximo filme entre nós, «Quo Vadis» e «As Minas do Rei Salomão», também ainda não exibidos entre nós. Em 1945 voltou a Inglaterra para passar suas férias, conhecendo nessa ocasião Anthony Charles Bartley, com quem se casou pouco tempo depois, vindo então a residir definitivamente na América.

KATHRYN GRAYSON

Nasceu em Winston Salem, num dia 9 de fevereiro. Verdadeiro nome: Zelma Hedrick. Possuidora de boa voz desde muito cedo, foi levada por uma conhecida para estudar na Companhia de Óperas de Chicago. Alguns anos mais tarde mudou-se para Hollywood onde, em uma festa em casa de amigos, foi ouvida por Louis B. Mayer que ofereceu-lhe um contrato para trabalhar no cinema. Em Calver City, teve seu nome trocado para Kathryn Grayson Após um ano de preparação fêz sua estréia nas telas em "A Secretária de Andy Hardy", com Mickey Rooney. Participou em seguida de vários sucessos como "Um Cavalheiro do Sul", "Rio Rita", "Sete Noivas", "A Filha do Comandante", "Marujos do Amor", "Quando as Nuvens Passam" e "Aquêle Beijo à Meia-Noite". Sua bela voz, sua beleza e seu talento tornaram-na uma das mais queridas estrêlas de Hollywood. Seu grande desejo é tornar-se cantora de Óperas e, em 1946, fêz suaestréia acompanhada pela Orquestra Filarmônica de Sacramento.

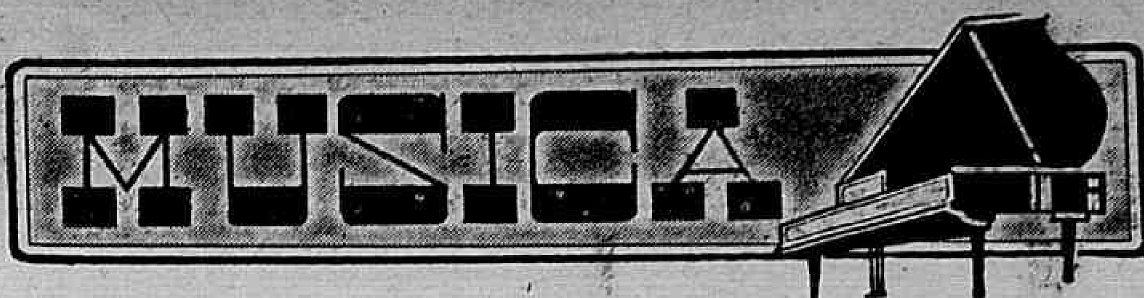


DEAN STOCKWELL — Nasceu em North Hollywood, num dia 5 de março, filho de Harry Stockwell e Betty Verônica Stockwell. Fêz seus estudos iniciais na Richmond Hill School e na Martin Millmore School, participando nos dois colégios de várias peças teatrais. Levado por seu irmão mais velho para um «test» na Metro-Goldwyn-Mayer, foi contratado para aparecer em «Marujos do Amor», filme em que fêz sua estréia nas telas. A popularidade alcançada com êsse filme valeu-lhe papéis importantes em «O Vale da Decisão», «O Caso Arnelo», «Devoção» e «O Menino dos Cabelos Verdes». Terminou recentemente, na Índia, a versão cinematográfica do famoso romance de Rudyard Kipling KIM, em que repartiu com Errol Flynn as honras principais.



RICHARD TODD — Nasceu em Dublin, Irlanda, no dia 11 de junho de 1919. Seu pai era comandante do exército inglês, o que obrigou o pequeno Todd a passar os dois primeiros anos de sua vida na Índia. Regressou depois à Inglaterra, onde foi educado. Quando chegou a guerra, Todd alistou-se no Batalhão de Paraquedistas, chegando a capitão. Seu filme de maior sucesso foi «The Hasty Heart», ao lado de Shirley, que lhe mereceu a confiança do público e da crítica. Casou-se com a atriz teatral Katherine Bogle, residindo em Hollywood. Até agora já fêz 3 fitas, sendo considerado o «astro de 1951».





OSWALDO DA CUNHA

CURIOSIDADES MUSICAIS

O mais antigo instrumento de corda e de percussão, o mais remoto antepassado, portanto, do piano, é a harpa assíria em forma de leque, percutida com uma vara de madeira. O mais antigo antepassado conhecido dos nossos instrumentos de arco é o "aurita", inventado pelos hindus. ★ A nota mais importante, que hoje denominaríamos "tônica", era nos modos eclesiásticos designada pelo nome de "finalis". A mais importante depois desta, a que atualmente seria a dominante chamava-se "repercussa". ★ Tôdas as formas melódicas empregadas nas obras-primas da música clássica, romântica e moderna, se encontram no canto gregoriano. ★ Giovani Pierluigi da Palestrina, nascido por volta de 1525, em Palestrina, foi o criador do "estilo palestriniano", como era denominado correntemente, o estilo imitativo para vozes sem acompanhamento nem caráter instrumental. ★ O primeiro compositor para cravo, digno de nota em França, foi Chambonnière. ★ O maior gênio do cravo, também em França, foi Francisco Couperin, conhecido como "o grande", para distingui-lo de um outro Francisco Couperin, também cravista e compositor, discípulo de Chambonnière.

NOTICIÁRIO

ARNALDO ESTRÊLA, EM BRUXELAS — Arnaldo Estrella cada dia mais se impõe, nos meios europeus, à administração pela sua arte e ao respeito pela sua cultura musical e pela sua musicalidade profunda. A sua recente atuação em Bruxelas foi oportunidade para merecer sufrágios raramente alcançados por artistas sul-americanos. Pelo interêsse nacional que representam, aqui registramos aqueles sufrágios. Tratava-se dum concêrto da Orquestra Filarmônica de Bruxelas, sob a direção do maestro Freitas Branco.



Arnaldo Estrêlla, cuja recente atuação em Bruxelas, foi vivamente elogiada pela crítica européia.

No jornal «La Lanterne», escreveu Jacques Stehman: «O solista dêste concêrto era Arnaldo Estrêla, pianista brasileiro. Desconhecido aqui, Estrella causou nesta primeira aparição, a mais viva impressão. Êle deu nas «Noites nos Jardins de Espanha», «Sonata Espanhola», de Espla, «Requiebros», de Granados, a demonstração de possuir tôdas as grandes qualidades que um pianista possa ter: liberdade perfeita na execução, controle rigoroso da técnica das nuances, uma agilidade de articulação impecável, uma simplicidade de «jeu» e de expressão que não excluem a fôrça de sugestão. Raramente se vê um instrumentista em tal adequação com o seu instrumento; se sente a ponta do dedo traduzir tão fièlmente o mínimo pensamento ou a menor sensação. Estrêlla é um verdadeiro soberano do teclado. A elegância de sua virtuosidade se alia a uma sensibilidade musical profundamente compreensiva e expressa de maneira luminosamente perceptível. O que êle fêz em Falla, Granados, Esplá, etc., o classifica grande pianista e grande musicista».

O crítico de «Le Soir», «I», assim se exprimiu: «As duas obras precedentes foram interpretadas por Arnaldo Estrêlla com sobriedade e brilhantismo. Estas qualidades já se haviam afirmado na execução das «Noites nos jardins de Espanha». Sem visar ao efeito, Estrêlla atinge de golpe a expressão pela simplicidade mesmo de seu «jeu», que parece provir mais do instinto que da cerebralidade».

Em «La Nation Belge», «A.M.» escreveu: «O pianista Arnaldo Estrêlla que se fazia ouvir, cremos, pela primeira vez em Bruxelas, é um artista de classe; pode-se estabelecer um paralelo entre a sua técnica clara e bem equilibrada e a correção de sua compreensão musical. Êle interpretou a parte de piano de «Noites nos jardins de Espanha», com acentos de uma penetrante poesia, extraindo às maravilhas, o ritmo e a côr dêsse admirável afreco orquestral. Sòzinho, fêz-se ainda aplaudir na «Sonata», de Esplá, escrita à memória de Chopin, nos «Requiebros», de Granados, e, o «bis», numa encantadora sonata de Scarlet que êle tocou com tanto gôsto quanto virtuosismo».

Em «Libre Belgique», «S.V.E.», afirma: «Por uma intuição segura, Arnaldo Estrêlla restituiu às «Noites nos jardins de Espanha» seu encanto inigualável. Seu «jeu» muito preciso atinge uma preciosa delicadeza; êle realiza, em coloridos notáveis e numa emoção equilibrada, as impressões de uma concepção sempre elevada. Nas duas obras para piano pôde-se admirar as largas possibilidades de um talento vario. O intérprete deu à «Sonata» de Esplá, um brio bem pessoal, graças ao acento agudo de ritmo e a um requinte de colorido. Êste excelente artista, que se deve tornar a

(Cont. na pág. 30)

Pausa para meditação



ZANYRA CÉSAR — (Foto NÓDGI)

GLOSSÁRIO CINEMATOGRÁFICO

HUGO SCHLESINGER

(Cont. do número anterior)

RAPIDEZ DE OBJETIVA — Sinônimo de luminosidade.

REFLETOR — Dispositivo ou aparelho que reflete a luz.

REPERTÓRIO — Conjunto de peças, que habitualmente se representa.

REPRISE — Nova apresentação de um filme já conhecido.

RETOQUE — Correção de um negativo mediante tratamento mecânico.

RETROCESSO — Uma ação já passada e que volta na história ou através do pensamento do personagem.

RETROSPECTO — Vista ou análise do que fica para trás, dos fatos passados.

REVELAR — Fazer aparecer a imagem em chapa fotográfica ou filme, por meio de um banho adequado.

R.K.O. — Rádio — Keith — Orpheum Corporation.

ROTEIRO TÉCNICO — «Prefiguração do que será depois de rodado e montado, o filme».

SCRIPT-GIRL — Apontadora.

S.F.A. — Scientific Film Association.

SEQUÊNCIA — Série de cenas ou de vistas, relacionando-se com a mesma ação e formando um todo.

«SHOOT» — Cinematografar um filme

«SHOOTING» — O período durante o qual se «faz» um filme.

«SHOOTING SCRIPT» — Cenário dialogado e cortado em cenas — sequências e planos numerados segundo, o qual se rode o filme.

SHORT — E' textualmente (traduzido em inglês) — curto. Na linguagem cinematográfica: filme de curta metragem.

SHOW — Revista teatral ou cinematográfica.

SINCRONIZAÇÃO — Gravação direta de vozes, ruídos e demais sons.

SINOPSE — Resumo de 15 a 20 páginas, que concentra a ação. Serve ùnicamente de base para os trabalhos iniciais de filmagem.

S.M.P.E. — Abreviação: Society of Motion Picture Engineers.

SOM — Resultado de um movimento vibratório sôbre o órgão auditivo.

SOUND MAN (ou técnico) — Engenheiro de som.

SPOTLIGHT — Fonte luminosa, composta de uma lâmpada muito forte e uma lente condensadora para regular o volume da luz.

STAR — Estrêla, ator ou atriz cinematográficos.

«STUNT-MAN» — Artistas que substituem os astros. (Linguagem de Hollywood).

SUPER-EXPOSIÇÃO — Excesso de pose.

SYNOPSIS — A «screen story» contada em cêrca de 10.000 palavras.

SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

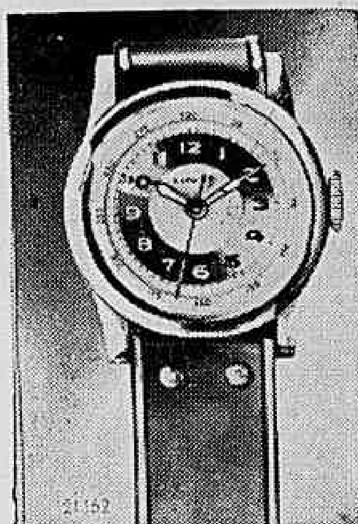
RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

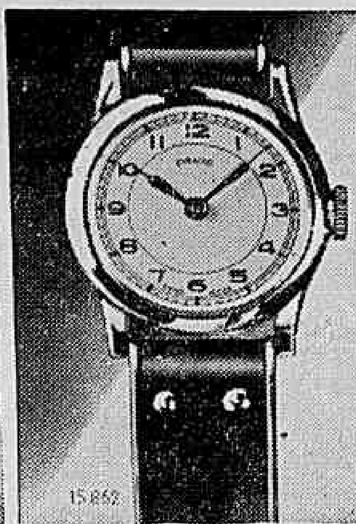
AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





21.162 - Relógio esportivo, cromado, com máquina sistema Roskopf, mostradores variados, ponteiro de segundos no centro. Preço especial. **Cr$ 95,00**

15.862 - Caixa inteiramente cromada, bôa máquina sistema Roskopf, mostradores variados; pulseira plástica. Oferta especial. **Cr$ 83,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. **Cr$ 158,00**

48.362 - Calendário! Indica hora e dia! Caixa esportiva, cromada, c/ fundo fôsco, máquina suiça, sistema Roskopf, mostrador claro; pulseira elástica, de aço inoxidável. Oferta vantajosíssima. **Cr$ 248,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. **Cr$ 378,00**

83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia. **Cr$ 595,00**

55.462 - Moderníssimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidável, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis; ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belíssimo adôrno de grande utilidade! **Cr$ 985,00**

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. **Cr$ 118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. **Cr$ 195,00**

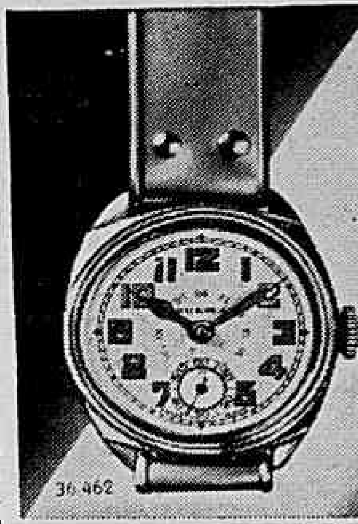
36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. **Cr$ 138,00**

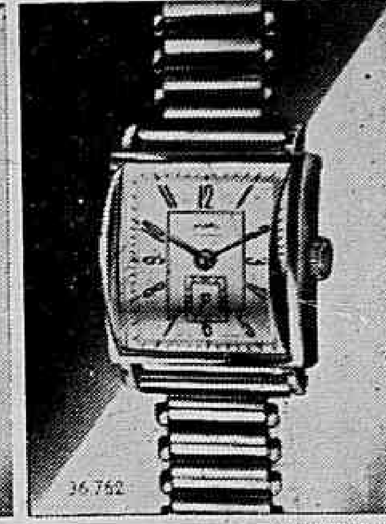
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosíssimo. **Cr$ 398,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. **Cr$ 498,00**

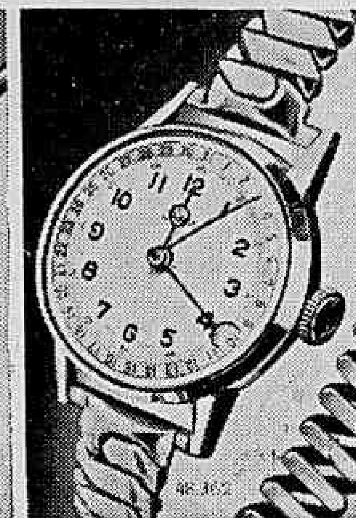
65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. **Cr$ 238,00**

46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosíssima. **Cr$ 438,00**











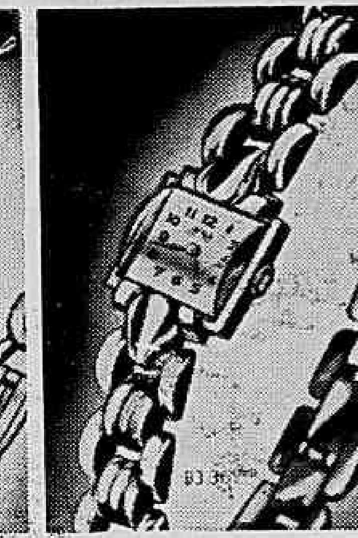


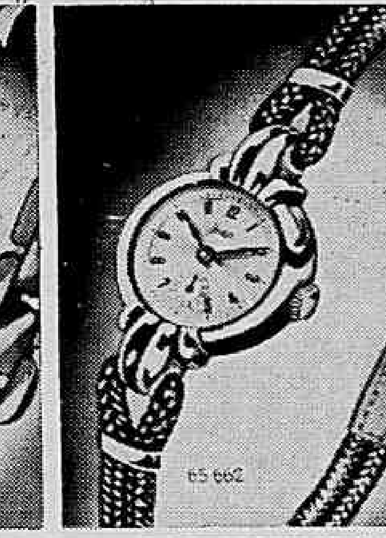
















51.662 - Apresentação belíssima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade; Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial. **Cr$ 438,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finíssima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia. **Cr$ 890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda. **Cr$ 218,00**

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa maquina suiça, com 15 Rubis, elegante, mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial. **Cr$ 255,00**

50.262 - Mesmo modêlo, com caixa folheada a ouro, fundo de aço inox. **Cr$ 298,00**

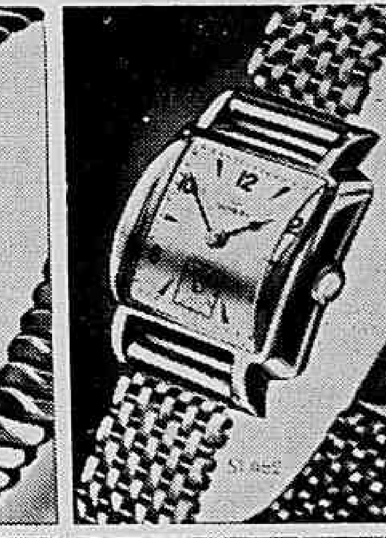
51.262 - Calendário! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados; c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia. **Cr$ 628,00**

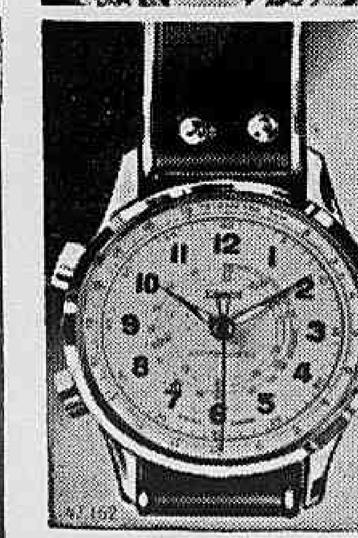
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos; bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. **Cr$ 375,00**

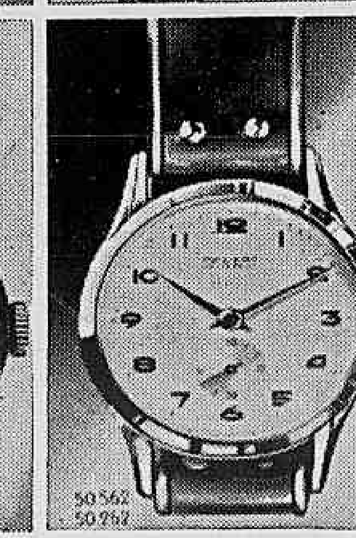
12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia. **Cr$ 475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradavel. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso. **Cr$ 250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

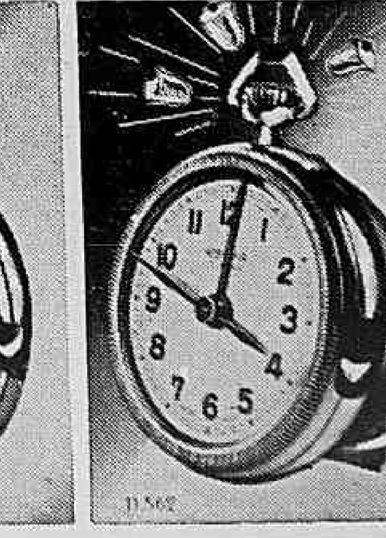
CUPUM — CM

NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______





ENVIE-NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951

PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS - JOIAS - ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES



Ecia

COLONIA E BRILHANTINA

SUAVIDADE PUREZA PERFUME 100%
BATON-ESMALTE-EXTRATO-LOÇÃO-ÓLEO
PO' FACIAL-ROUGE-TALCO CREME DENTAL-SABONETE